



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO - UEL**

**RODOLFO GABRIEL TRISLTZ**

**A MÚSICA COMO ELEMENTO HISTÓRICO, CULTURAL E  
ESTÉTICO PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA:  
POSSIBILIDADES DA AÇÃO DOCENTE.**

Londrina  
2024

RODOLFO GABRIEL TRISLTZ

**A MÚSICA COMO ELEMENTO HISTÓRICO, CULTURAL E  
ESTÉTICO PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA:  
POSSIBILIDADES DA AÇÃO DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Marta Silene Ferreira Bastos

Londrina  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Trisztz, Rodolfo Gabriel.

A música como elemento histórico, cultural e estético para a emancipação humana: possibilidades da ação docente. / Trisztz, Rodolfo Gabriel – Londrina, 2024.

71f. : il.

Orientadora: Profª Dra. Marta Silene Ferreira Bastos

Dissertação: (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Introdução, 2. A Evolução da Linguagem Musical, 3.A Dimensão Estética e Cultural da Música na Emancipação Humana, 3.1 Educação Musical na Teoria Histórico-Cultural para Humanização do Homem, 4. Música e Ação Docente, 4.1 A Música no Espaço Educacional para o Desenvolvimento Humanizado, 5. Conclusão.

CDU 658

RODOLFO GABRIEL TRISLTZ

**A MÚSICA COMO ELEMENTO HISTÓRICO, CULTURAL E  
ESTÉTICO PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA:  
POSSIBILIDADES DA AÇÃO DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof. Dra. Marta Silene Ferreira Barros  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Márcio Antônio de Almeida  
Centro Universitário Salesiano de São Paulo

---

Prof. Dra. Sandra Regina Mantovani Leite  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

“Pouco importam as notas na música, o que conta são as sensações produzidas por elas” (Leonid Pervomaisky).

TRISLTZ, Rodolfo Gabriel. **A música como elemento histórico, cultural e estético para a emancipação humana:** possibilidades da ação docente. 2024. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2024.

## RESUMO

A música, historicamente, é um elemento que acompanha a humanidade desde os primórdios, sendo uma linguagem de comunicação entre o homem seus sentimentos e emoções, contribuindo com a interação social. Neste entendimento, este trabalho objetiva compreender a música enquanto elemento histórico, cultural e estético possibilidades para a formação, ação docente e emancipação humana na Educação escolar. O estudo se realizou por meio de uma pesquisa bibliográfica com autores que pensam a música em seu caráter científico e de aprendizado, e que contribui para o crescimento pessoal e social do sujeito humano. O seu desenvolvimento pode acompanhar as evoluções, ultrapassando a função do entretenimento e se transformando em uma ferramenta essencial em sala de aula, promovendo saberes significativos. As bases teórico metodológicas da investigação proposta se fundamenta no método crítico-dialético, focando no desenvolvimento integral dos indivíduos, bem como na Teoria Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica. Concluiu-se no decorrer deste estudo que a música é um instrumento valioso para a humanidade, na sua relação dialética entre a dimensão estética e cultural, como elemento chave para o entendimento do desenvolvimento humano, considerada um componente significativo no processo de mediação na disseminação de conhecimentos, para humanização e emancipação do ser humano, levando o indivíduo a apreender as formas técnicas e teóricas a fim de refletir, criar e criticar, a partir da educação estética da música.

**Palavras-chave:** Educação. Música. Teoria Histórico-Cultural. Pedagogia Histórico-Crítica. Ação Docente.

TRISLTZ, Rodolfo Gabriel. **Music as a historical, cultural and aesthetic element for human emancipation**: possibilities of teaching action. 2024. 72f. Course Completion Work (Master's Degree in Education) – State University of Londrina, 2024.

## ABSTRACT

Music, historically, is an element that has accompanied humanity since the beginning, being a language of communication between man and his feelings and emotions, contributing to social interaction. In this understanding, this work aims to understand music as a historical, cultural and aesthetic element of the world. The study was carried out through a bibliographic research with authors who think about music in its scientific and learning character, and that contributes to the personal and social growth of the human subject. Its development can follow the evolutions, going beyond the function of entertainment and becoming an essential tool in the classroom, promoting significant knowledge. The theoretical and methodological bases of the proposed investigation are based on the critical-dialectical method, focusing on the integral development of individuals, as well as on the Historical-Cultural Theory and the Historical-Critical Pedagogy. It was concluded in the course of this study that music is a valuable instrument for humanity, in its dialectical relationship between the aesthetic and cultural dimensions, as a key element for the understanding of human development, considered a significant component in the process of mediation in the dissemination of knowledge, for humanization and emancipation of the human being, leading the individual to apprehend the technical and theoretical forms in order to reflect, to create and criticize, based on the aesthetic education of music.

**Keywords:** Education. Music. Historical-Cultural Theory. Historical-Critical Pedagogy. Teaching Action.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM MUSICAL .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A DIMENSÃO ESTÉTICA E CULTURAL DA MÚSICA NA EMANCIPAÇÃO HUMANA .....</b>	<b>28</b>
3.1	EDUCAÇÃO MUSICAL NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA HUMANIZAÇÃO DO HOMEM .....	32
<b>4</b>	<b>MÚSICA E AÇÃO DOCENTE .....</b>	<b>49</b>
4.1	A MÚSICA NO ESPAÇO EDUCACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANIZADO ....	56
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>65</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Contextualizar sobre a música enquanto elemento estético e cultural para a emancipação humana, possibilita situar o leitor para a reflexão de que a estética se aprofunda na manifestação da beleza e das emoções que elas despertam no indivíduo, e a música se configura uma das linguagens mais acessíveis, presença constante no cotidiano de uma sociedade, sendo raro quem não interage com essa arte, seja ouvindo, cantando, dançando ou tocando um instrumento em distintas fases de sua vida e por variadas motivações.

A música como objeto de instrumento de emancipação, traz para a vida do indivíduo a possibilidade de estabelecer por seu contato o aprendizado que contribua para melhor compreensão da natureza, revela a emoção que existe no homem e tem a sutileza de tornar externo, os sentimentos vivenciados, pelas experiências realizadas, no decorrer do aprendizado humano.

Além disso, quando aliada a outros conhecimentos constituintes da dimensão estética na formação do indivíduo, a música se manifesta tanto no âmbito científico, biológico, quanto psicológico e social, desenvolvendo habilidades que tornam o indivíduo mais apto e competente, potencializa o crescimento adaptando-se às transformações do tempo e fortalecendo os aspectos individuais e coletivos. Um exemplo desse contexto está no aprendizado do piano, instrumento que, em sua execução, visa ao desenvolvimento simultâneo das capacidades biológicas e emocionais. Similarmente, as brincadeiras de roda executadas por crianças, que conjugam cantos a gestos simétricos, demonstram a busca por um equilíbrio entre mente e corpo.

Dentro desse contexto, desenvolveu-se a pesquisa a partir da seguinte questão: até que ponto a música como elemento histórico, cultural e estético poderá contribuir com a formação e emancipação do sujeito? Reflete-se nessa questão a possibilidade de encontrar na escola o relevante papel de facilitar esse contato com a linguagem musical, objetivando favorecer o desenvolvimento pleno dos seres humanos, do sentimento estético, como um fator de transformação do pensamento. Loureiro (2003, p. 134) acrescenta a relevância da educação musical na sociedade contemporânea, justificando-a pela capacidade de fomentar o desenvolvimento humano por meio da conscientização da interdependência entre corpo e mente, razão e sensibilidade, e entre ciência e estética, e mesmo que isso represente um

desafio que engloba o entendimento e a compreensão musical, importa "ter a consciência de que a especificidade da música está no seu entendimento como linguagem, como um sistema de sinais que pode ser vivenciado e compartilhado".

Dentro disso, definiu-se como objetivo geral compreender a música enquanto elemento histórico, cultural e estético a fim de contribuir com a formação, ação docente e emancipação humana na educação escolar, almejando o desenvolvimento integral dos indivíduos, fundamentada na Teoria Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica.

Como base para discorrer o tema central, os objetivos específicos são os seguintes: contextualizar e evolução da linguagem musical, discorrer sobre a dimensão estética e cultural da música na emancipação humana, a educação musical na Teoria Histórico-Cultural para humanização do homem, bem como a música na ação docente e no espaço educacional para o desenvolvimento humanizado.

Quanto à metodologia, definiu-se pela pesquisa bibliográfica englobando produções já existentes sobre o tema em estudo, tanto de fontes primárias quanto secundárias, incluindo livros, artigos, periódicos especializados, entre outros, em material impresso e eletrônico.

No que se refere à organização deste trabalho, no primeiro capítulo a pesquisa evidenciou, por meio da história, a importância da participação da música na evolução da humanidade, justificando assim com os fundamentos seu caráter histórico, social, cultural e estético. No segundo capítulo, aborda-se a dimensão estética e cultural da música na emancipação humana, salientando que a música provoca no indivíduo o efeito de catarse, ajudando a liberar, por exemplo, um sentimento reprimido; essa condição otimiza o potencial humano, pois a expressão artística é a manifestação da profunda narrativa interna do ser, com isso é possível compreender a transformação de uma sociedade e ver o indivíduo como agente principal frente às forças externas. Já no terceiro capítulo, tem-se a música e ação docente, reforçando a valiosa ferramenta da música para os educadores na criação de um ambiente de aprendizagem que seja atraente e envolvente para os alunos, formando a identidade, compondo o ser histórico-cultural.

## 2 A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM MUSICAL

Para entender melhor a significativa contribuição da música para o desenvolvimento do indivíduo, é oportuno conhecer a evolução dessa linguagem a partir dos primórdios da existência humana, evidenciando o crescimento da linguagem musical e seus principais marcos, considerando que ao longo dos séculos a humanidade tem integrado elementos diversos à música, refletindo seu contínuo percurso.

No decurso da história e com as constantes descobertas arqueológicas, torna-se imperativo analisar o período pré-histórico, e embora não existam registros sistemáticos desse período, é crucial abordá-lo sob uma perspectiva histórico-cultural. As evidências não indicam uma estagnação cultural durante a pré-história. Acredita-se, com base nas descobertas científicas e arqueológicas, que havia manifestações de cultura, arte e música na vida dos primeiros seres humanos.

De acordo com o historiador Bennett (1986), a música pode ser segmentada em seis marcos temporais: música medieval até aproximadamente 1450; renascentista de 1450-1600; barroca de 1600-1750; clássica de 1750-1810; romântica de 1810-1910 e música do século XX a partir de 1900. A música, por sua vez, possibilita a assimilação de conhecimentos e atitudes individuais.

A música nasceu com a natureza, ao considerarmos que seus elementos formais, o som e o ritmo, fazem parte do universo e, particularmente, da estrutura corporal humana: é a maravilhosa sinfonia da natureza, soando os oceanos, no cosmo, no ventre da terra, na voz inconstante dos ventos, permanentemente modificada e cheia de surpresas, pela intervenção instintiva dos irracionais ou pela criatividade consciente e inesgotável dos seres humanos (REIS, 1983, p. 28).

Nessa perspectiva, revisita-se o início de um elemento fundamental na evolução humana: a voz, e a ausência de aprendizado sobre a linguagem enquanto comunicação humana, é um exemplo do impacto da privação no desenvolvimento; é através da voz que os indivíduos se comunicam. Neste contexto, encontram-se, inicialmente, sons rudimentares, que, se não normatizados, comprometem a expressividade, reiterando a música também como linguagem de expressão.

O homem pré-histórico descobriu os sons que o cercavam no ambiente e aprendeu a distinguir os timbres característicos da canção das ondas se quebrando na praia, da brisa roçando as folhagens, da tempestade se aproximando na praia, do murmúrio dos rios, fontes e cachoeiras, das vozes dos vários animais selvagens. E encantou-se com o seu próprio instrumento

musical – a voz, com a cadência de sua respiração e com o ritmo regular de seu coração. Teria cantado ou falado primeiro? Podemos concluir, partindo da observação de uma criança recém-nascida que, antes de falar, ao descobrir sua voz, brinca com os sons, emitindo às vezes, pequenas melodias (REIS, 1983, p. 28).

Assim, cada elemento contribui para esboçar a trajetória e o processo evolutivo do conhecimento humano em relação à música. Os vestígios musicais desse período, destaca-se o Neolítico. Esse momento histórico marcou a evolução da agricultura, conforme registros arqueológicos, e a consolidação da vida em comunidades. Salienta-se ainda a relevância do matriarcado, não apenas para a sociedade como um todo, mas também para o desenvolvimento musical.

A associação da voz ao gesto, do canto aos instrumentos e o estabelecimento de sistemas transmissíveis permitiram que a expressão sonora perdesse seu caráter individual e exercesse uma força de encantamento favorável aos rituais ou as atividades coletivas. No início do neolítico apareceu um fenômeno sociológico de importância considerável para a evolução da música: certas tribos nômades se fixam em platôs escalonados, na proximidade de vales ricos em aluviões, criando as primeiras civilizações agrícolas sedentárias. Uma organização social fundamentada no matriarcado substituiu então o patriarcado primitivo e evoluiu para uma economia de produção, em que a divisão do trabalho necessariamente imporá. É bem provável que o matriarcado estável tenha dado à música a dimensão melódica, que lhe será essencial durante milênio, graças à estabilidade moral da mulher, à sua contribuição afetiva, à sua propensão lírica. Um dos primeiros testemunhos de atividade musical de que dispomos data desse período de importantes transformações (CANDÉ, 2001, p. 51).

Dentro da abordagem histórico-cultural observada, enfatiza-se que a música caminhou paralelamente à evolução humana. Ressalta-se o papel das mulheres no universo musical desse período, demonstrando que a trajetória musical não foi exclusivamente masculina, mas sim inclusiva.

É imperativo ressaltar momentos que ilustram a evolução musical não apenas em contextos de conhecimento consolidado, mas também em etapas singulares de desenvolvimento humano. Embora não haja registros sistemáticos acerca da música nesse contexto, inscrições rupestres e achados arqueológicos evidenciam a relação entre a produção sonora e o progresso humano, sinalizando a conscientização do som como parte integrante do crescimento da civilização.

Não somente na civilização ocidental é possível evidenciar a relevância da música, mas também em outros focos civilizatórios, conforme indicado por registros rupestres. Desde o alvorecer da humanidade, a musicalização tem acompanhado

aspectos culturais, intelectuais e religiosos. Ao examinar a influência musical em culturas como a indiana, mesopotâmica, chinesa e egípcia, identifica-se a presença de elementos estruturais que desempenharam papéis significativos no desenvolvimento humano e na formação social.

Os Assírios deixaram-nos inúmeras representações cuidadosas e detalhadas de suas práticas musicais, completadas por uma preciosa documentação literária. A função social da música torna-se cada vez mais importante: ela é símbolo de poder, vitória e respeito. Os músicos são mais reverenciados que os sábios, imediatamente depois dos deuses e reis: e nos massacres que seguem as conquistas, os assírios sempre poupam os músicos, levando-os para Nínive junto com o butim, uso esse que subsistirá por muito tempo ainda, como atesta o salmo 133. Bem cedo formaram-se verdadeiras orquestras que, no apogeu da civilização babilônica, podem adquirir enormes proporções (CANDE, 2001, p. 56).

Assim, a música evidencia a sua capacidade de marcar profundamente a vida de uma sociedade; sendo implementada em diversos contextos cotidianos, contribuindo significativamente para a estruturação e influência em diferentes civilizações.

As tradições musicais sumero-babilônicas e assírios irradiaram-se para a Síria e a fenícia, de onde fecundaram as músicas egípcia, cretense e dos povos da Ásia menor (frígio e lídio); os gregos sofrerão mais tarde sua influência. Assim, foi salvaguardada uma cultura várias vezes milenar que poderia ter sido submersa pelo maremoto das invasões indo-européias. Talvez tradições musicais de mesma origem tenham sido introduzidas também na Índia pelos arianos védicos. Vindos não se sabe de onde, não levaram nenhum enriquecimento às culturas existentes, mas favoreceram sem dúvidas a difusão destas, do Ganges ao Tejo (CANDE, 2001, p. 56).

Ressalta-se a importância de enfatizar o desenvolvimento histórico da música, destacando-se pontos fundamentais que elucidam sua contribuição para o desenvolvimento histórico, cultural e social. Por meio dela, identificam-se marcos significativos que, frequentemente, passam despercebidos.

Deseja-se aqui destacar a renomada educação grega, centrada no equilíbrio entre corpo e alma. Ao refletir sobre fundamentos cruciais do desenvolvimento educacional, oferece-se uma perspectiva de estruturação do ser humano. A filosofia, mediante suas reflexões, almeja um equilíbrio lógico do indivíduo, considerando aspectos norteadores e históricos. Realiza-se uma análise de componentes relevantes do contexto social, que caracterizam determinadas formas de pensar, ser e agir. Assim, ao avaliar uma sociedade sob essa ótica, ressaltam-se aspectos como: a arte, condições políticas e vertentes religiosas.

Com efeito, a grande arte, de modo mítico e fantástico, ou seja, mediante a intuição e a imaginação, tende a alcançar objetivos que também são próprios da filosofia. Analogicamente, por meio da fé a religião tende a alcançar certos objetivos que a filosofia procura atingir com os conceitos e com a razão. Não menos importante (e hoje se insiste muito nesse ponto) são as condições socioeconômicas e políticas, que frequentemente condicionam o nascimento de determinadas ideias e que, de modo particular no mundo grego, ao criar as primeiras formas de liberdade institucionalizada e de democracia, tornaram possível precisamente o nascimento da filosofia, que se alimenta essencialmente da liberdade (REALE, 2003, p. 6).

Pretende-se observar pilares essenciais da estruturação do pensamento grego, vinculados à sua educação. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de discutir os elementos mencionados anteriormente como alicerces de uma civilização. Destaca-se, portanto, a música enquanto arte e manifestação religiosa que culmina em liberdade, um componente que integra os três aspectos apresentados pela filosofia.

Desse modo, considerando a arte como base para a construção cultural, reconhece-se que nela se manifestam elementos vitais no cotidiano humano, delineando modos particulares de ser e agir. Exemplificativamente, "A Ilíada" e "A Odisseia", obras literárias gregas, incorporam à poesia situações cotidianas, mesmo em cenários de guerra, demonstrando que a arte procura expressar sentimentos, mesmo em contextos adversos.

Portanto, o exercício almejado é o autoconhecimento, imprescindível para o indivíduo expressar sua essência nas interações sociais. A arte, por sua vez, possibilita revelar sentimentos de louvor, glória, melancolia e revolta intrínsecos ao ser humano, concretizando a prática maiêutica socrática na vida de cada um.

Ao analisar a estruturação da vida humana, destaca-se a importância do avanço histórico que os gregos realizaram na estrutura sistemática da teoria musical. Contribuíram significativamente com os denominados modos gregos, que exercem influência direta sobre a música contemporânea.

A música grega se baseava em escalas diatônicas descendentes os modos gregos (também chamados de harmonias), cada um com o seu significado ético e psicológico. Cada modo era composto de dois tetracordes diatônicos, denominados diferentemente, conforme a disposição de tons e semitons. A união de dois tetracordes consecutivos dava origem a um modo. Esta união poderia ser por disjunção ou por conjunção. Dois tetracordes consecutivos unidos por disjunção têm uma nota comum, de ligação intermediária e, para se completarem os oito sons, é acrescida uma nota grave (REIS, 1983, p. 88).

Nesse sentido, é importante entender a estrutura dos modos gregos, na forma da execução da música, pois eles trazem em sua estrutura um conceito de pessoa.

Dórico, de Mí a Mí: as explicações sobre o significado ético dos modos gregos são contraditórias mas, quanto ao modo dórico, elas coincidem em afirmar o seu caráter viril, moral, heroico, majestoso, íntegro, sublime, de austera nobreza. Era considerado o modo nacional, comparável à ordem dórica, na arquitetura. Diz Aristóteles: Uma harmonia proporciona à alma uma perfeita calma: é a dória, que parece única a da essa impressão (REIS, 1983, p. 88).

A música na Grécia Antiga estava repleta de elementos destinados a expressar sua cultura e sentimentos. Servia, como meio de manifestar uma identidade singular. Destaca-se o modo frígio, originário da região da Frígia, que vai de RÉ a RÉ:

Platão, na república, só admite o uso, na cidade ideal, das harmonias dória e frígia, que para ele tem um caráter ético. A harmonia frígia provoca o entusiasmo. O seu efeito é o mesmo, entre as harmonias, que o da flauta, entre os instrumentos. A flauta não é um instrumento moral, porém orgiástico; por isto, cumpre utilizá-la nas ocasiões em que se procura operar a catarse (das paixões) mais do que instruir (REIS, 1983, p. 89).

É comum entre os filósofos a tentativa de extrair conhecimento a partir das emoções e percepções individuais. A música, em sua essência, tem a capacidade de evocar paixões, extraindo sentimentos que muitas vezes clarificam aspectos do ser que eles mesmos não conseguem expressar no cotidiano.

Para elucidar sobre as particularidades dos modos, toma-se como exemplo o intervalo de DÓ a DÓ. Este refere-se às notas específicas usadas nesse intervalo. Assim, uma composição nesse modo incluirá as notas: DÓ; RÉ; MÍ; FÁ; SOL; LÁ; SÍ e, por fim, DÓ novamente. Em relação ao modo que vai de DÓ a DÓ, introduz-se o modo Lídio. Aristóteles considerava esse modo adequado para crianças e idosos, visto que, para ele, essas faixas etárias são inclinadas a modulações mais suaves e melodiosas. Destaca-se também o modo mixolídio, de SÍ a SÍ, caracterizado como um lamento apaixonado:

Aristóteles (Política): sob a influência de lídia mista, a alma se entristece e se angustia. Plutarco (de Música): o mixolídio é um modo patético que convém à tragédia. Aistóxeno atribui a sua invenção a safo, de quem os poetas trágicos teriam aprendido o seu uso; adotando-o, associaram-no ao modo dório, dado que este tem magnificência e dignidade e aquele é patético. Da mistura dos dois elementos é que é formada a tragédia (REIS, 1983, p. 91).

A relevância dessas questões reside em elucidar a base que a música proporcionará para o Ocidente em seu desenvolvimento. Por exemplo, até os dias atuais, o modo frígio é utilizado na liturgia da missa católica, especificamente no canto do presbítero nas partes que lhe são atribuídas, como nos "oremus", evangelhos e orações eucarísticas. Essas músicas são executadas em tom reto, acompanhadas de cadências musicais.

Pitágoras, renomado filósofo, matemático, astrônomo e músico grego pré-socrático, percebia a música como uma harmonia universal. Para ele, esta busca instiga a sabedoria e a ciência, além de elevar a alma em sua trajetória transcendental; perspectiva que ressalta a música e as artes como componentes essenciais do ser humano, servindo como ferramentas que auxiliam em seu desenvolvimento.

Para os primeiros pitagóricos, a boa música já é a expressão sensível das relações matemáticas que regem o mundo. Nela, o espírito pode reconhecer a harmonia universal e a alma a ela se acordar, o que equivale a dizer que a música não poderia ser considerada levemente uma simples diversão. Sua importância exige que uma casta erudita, tendo aprofundado seus segredos, defina o etos dos modos ritmos, determinando o valor aritmético exato dos intervalos e das relações de duração (CANDÉ, 2001, p. 73).

Inerente à música, existe um caráter funcional: ela demarca eras e narra histórias. Uma de suas funções primordiais é a expressão tangível dos sentimentos humanos. Por esse motivo, enfatiza-se seu papel social, pelo qual, inserida na vida do indivíduo, molda e define seu espaço.

Na Antiga Grécia, a arte era percebida como catalisadora de expansão do conhecimento. Proporcionava ao ser humano, por meio de sua evolução biológica, o desenvolvimento das funções psíquicas essenciais para sua metamorfose. Além disso, facultava o acesso a formas mais sofisticadas e complexas dessas funções. O papel da música na sociedade grega, conforme se enfatiza, ia além de uma mera expressão artística. Era considerada elemento essencial na estruturação social, fato corroborado pelos registros filosóficos gregos (NASCIMENTO, 2016).

Aristóteles é mais audacioso, mais livre e mais coerente. Conserva a ideia pitagórica segundo a qual a harmonia musical comunica ao espírito o conhecimento da harmonia do mundo, considerando que ambas se exprimem pelas mesmas relações numéricas. Mas dá origem a um novo sentimento estético: tendo constatado a relativa inutilidade moral da música, que não tem mais, na educação, a mesma importância da ginástica e da escrita, faz dela uma arte, no sentido moderno do termo, uma arte que pode agir profundamente sobre a alma, rejubilando-a, e que sempre deve ter lugar na educação (CANDÉ, 2001, p. 73).



Nesse entendimento, música e arte concedem ao ser humano uma dimensão elevada, refinando sua sensibilidade e conexão com o mundo externo, garantindo sua visibilidade e audibilidade.

Ainda dentro da exposição de períodos histórico-educacionais, é essencial mencionar o canto cristão. Este desempenhou um papel crucial no avanço da música, assim como a educação helênica, oferecendo contribuições que transcendem o âmbito religioso, atingindo também o estrutural.

Destaca-se, que a era romana, mesmo produzindo poucas inovações, absorveu contribuições de outras culturas, como a helênica, em termos de instrumentos e técnicas musicais. Isso pode ser atribuído ao fato de os romanos estarem frequentemente envolvidos em conflitos e empenhados na expansão de seu império. A música, nesse período, ganhou destaque entre os cristãos, especialmente após o catolicismo deixar de ser uma seita perseguida e, sob a égide de Constantino, integrar-se ao império. Durante esse tempo, persistiu-se no aperfeiçoamento do canto, com uma ênfase mais religiosa, o que também influenciou na evolução musical.

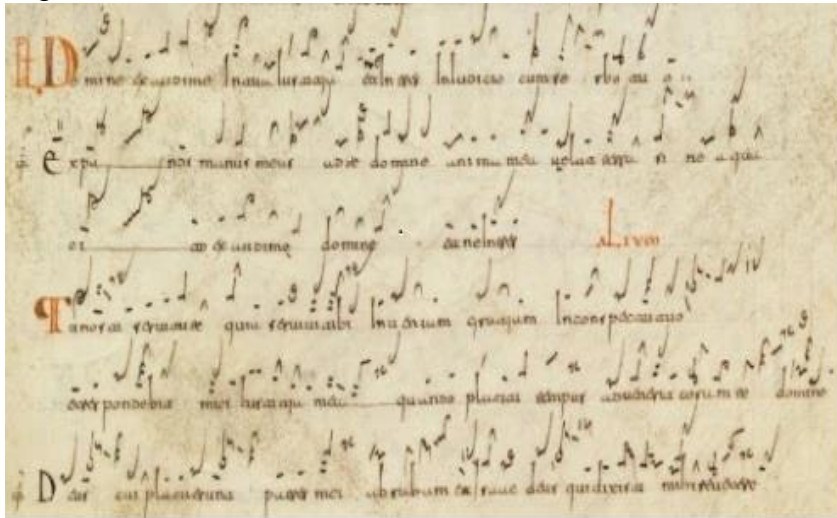
Entrementes as perseguições haviam cessado, o cristianismo se tornou a religião oficial pelo edito de Constantino (313) e construíram-se numerosas basílicas em que o culto desabrochava livremente na alegria sem dúvida exuberante de uma paz momentânea. Santo Atanásio de Alexandria, no século IV, relata que, em Mileto, se ouviam nas igreja cantos alegres com palmas ritmadas. Mas, em sua própria diocese, ele fazia executar os salmos de uma maneira bela e simples, que Santo Agostinho admirava. Havia muito, a Igreja ensinava a simplicidade como uma das principais virtudes musicais (CANDÉ, 2001, p. 186).

Ainda nesse período, consolidou-se a nomeação das notas musicais, com uma nomenclatura, em certa medida, utilizada até os dias atuais. Neste sentido, um dos principais colaboradores foi o monge Guido D'Arezzo; Erudito musical, ele reformulou conceitos pré-existentes, atribuindo-lhes novos significados e conferindo maior clareza à interpretação musical. Outra contribuição é de que diversos sistemas de notação musical coexistiram até essa época, como as neumas – sinais gráficos colocados sobre as palavras, indicando se o tom deveria ser elevado ou reduzido, conforme explica Alaleona (1978, p. 66):

A notação neumática baseava-se em principio inteiramente diverso: indicava à visão, por sinais, o movimento ascendente ou descendente da melodia. Esses sinais constavam de pequenas linhas dirigidas para baixo ou para cima, espécie de pequenos vértices ou acentos, colocados sobre as sílabas do texto.

Para ilustrar essa concepção do autor, tem-se as imagens que exemplifiquem a escrita neumática e quadrada, como na Figura 1:

Figura 1 – A escrita neumática



Fonte: [movimentoesom.com/2021/02/15/por-que-a-musica-usa-partitura-e-a-danca-nao/](http://movimentoesom.com/2021/02/15/por-que-a-musica-usa-partitura-e-a-danca-nao/)

Esse avanço pode ser interpretado como um refinamento na história da música, alinhando-se à evolução do pensamento moderno, que anseia por praticidade e comodidade na execução musical. Além disso, esse mesmo monge ofereceu outra valiosa contribuição: a introdução das claves de Fá e Dó, que determinam se a música se situa numa região mais grave ou aguda do instrumento e da voz. Apesar de serem detalhes aparentemente sutis, essas inovações atestam a habilidade intrínseca do ser humano de evoluir e adaptar-se. Sob a ótica da pedagogia histórico-cultural, tal movimentação humana é expressiva, pois evidencia sua capacidade de interpretação e seu papel ativo no desenvolvimento sociocultural.

Alaleona (1978) destaca que o monge foi visto como um inovador musical, com profundo conhecimento durante a Idade Média. Um dos pontos principais a ressaltar é a nomeação das notas musicais que ele introduziu, objetivando uma execução mais precisa e harmoniosa da música. Guido, nascido em Arezzo:

Imaginou para seu uso um processo pedagógico admirável, escolhendo o Hino de S. João Batista, conhecido pelos monges e por seus alunos, para facilitar o ensino da música. De cada verso desse hino decorava-se uma sílaba e um som diferente, de tal modo, que, uma vez gravados na memória com suas palavras, seria fácil encontrar a posição das notas, embora o valor das mesmas não fosse indicado.

Esse Hino de S. João Batista, tem sua letra composta por "por Paulo Diácono. Dois séculos depois, com Lemaire, apareceu a nota SI tirada da iniciais de Sanctis Ihoannes" (PAGANO, 1968, p. 44).

**UT** queant laxis  
**RE**sonare fibris  
**MI**ra gestorum  
**FA**muli tuorum  
**SOL**ve polluti  
**LAB**ii reatum  
**S**acte Ihoannes.

Isso faz lembrar da Grécia Antiga, onde a música evoluía concomitantemente ao desenvolvimento humano, servindo como um instrumento auxiliar no cumprimento de propósitos de vida e estabelecimento de metas. Tanto os filósofos helênicos quanto os da Idade Média posicionavam a música não meramente como um conhecimento adicional, mas como uma fonte vital para o crescimento intelectual humano.

Dentro do vasto conhecimento musical deste período, é possível destacar alguns marcos, como o canto gregoriano. Designado por São Gregório Magno, este canto usava notação quadrada para melhor representação e padronização da liturgia católica. Exemplifica-se, na Figura 2, a escrita quadrada.

Figura 2 – Escrita quadrada



**Fonte:** <http://art-musica.blogspot.com/2012/02/no-inicio-eram-os-neumascomo-surgiu.html>

Essa metodologia musical e sua notação reinaram por longos períodos na história musical, dando origem ao trabalho de inúmeros outros compositores e artistas que coexistiram com a evolução da arte.

Um destaque do período medieval na evolução da música é a chamada Ars Nova, que sinalizou o advento da polifonia, tendo a catedral de Notre-Dame como epicentro. Nesta época, Léonin e Pérotin se sobressaem como figuras centrais, contribuindo significativamente para o crescimento cultural e musical. Estes artistas adotaram técnicas como o "Organum", uma maneira improvisada de cantar em várias tonalidades, e o "Motete", que destacava a voz do tenor durante a execução. Em conclusão, o legado destes compositores medievais é fundamental na história musical, fornecendo elementos e perspectivas que influenciaram movimentos subsequentes, como o Renascimento.

À medida em que o tempo avançava, a música não se restringiu apenas à Igreja; fora dela, também encontrou expressão, evoluindo junto ao amadurecimento da perspectiva humana sobre si mesmo. Esse avanço levou à valorização de elementos cotidianos, expandindo as possibilidades e usos da música. Esse período é comumente denominado Renascimento, que segundo Bennett (1986, p. 24):

O homem explorava igualmente os mistérios de suas emoções e de seu espírito, desenvolvendo uma fina percepção de si próprio e do mundo ao seu redor. Em vez de aceitar os fatos por sua aparência, passou a observar e questionar e começou a deduzir coisas por conta própria. Na renascença, os compositores passaram a ter um interesse muito mais vivo pela música profana, inclusive em escrever peças para instrumentos, já não mais usados somente com finalidade de acompanhar vozes. No entanto, os maiores tesouros musicais renascentistas foram compostos para a Igreja, num estilo descrito como "polifonia coral" música contrapontística para um ou mais coros, com diversos cantores encarregados de cada parte vocal.

Durante o período do Renascimento, o crescimento musical foi notável. Técnicas inovadoras e novas abordagens foram introduzidas, proporcionando uma renovação no campo musical. Não se trata de um período superior à Idade Média, mas de uma era que ofereceu diferentes caminhos para a expressão musical.

A renascença não é a origem de uma cultura superior, mas uma mudança de luz. Ela evoca sensibilidade refinada, a expressão adequada, o hedonismo sonoro, a busca da perfeição numa arte livre das injunções, o impulso, a descoberta, seguido do abandono de um equilíbrio demasiado perfeito e da descoberta de uma nova expressão (CANDE, 2001, p. 321).

Nesse cenário, observa-se uma fusão de gêneros musicais e uma rica troca de experiências. A influência dos músicos foi vital, não apenas por seus talentos, mas também por suas histórias pessoais, que moldaram e deram perspectiva às transformações musicais da época. Nesse contexto o renascimento da música iniciou com alguns artistas que andavam pela Europa se apresentando em troca de alimentação e pouso:

Foram tipos que levaram consigo uma ambiguidade histórica: ao mesmo tempo que viviam como marginais, chegando ao ponto de criar arruaças, trabalharam como comunicadores do fim da idade média, pois eram eles que acolhiam as notícias em toda parte, e faziam com que circulassem pelos lugares onde se apresentavam (MONTANARI, 1993, p. 25).

Assim, com uma abordagem mais flexível e uma crescente liberdade criativa, os trabalhos de vários compositores começaram a ganhar destaque. Através de seus estudos e dedicação, buscavam contribuir para o avanço musical e teórico. Diferentes regiões da Europa emergiam como centros de inovação. Um exemplo notável é a Inglaterra, onde o apoio de Henrique V incentivou a disseminação de novas ideias musicais, fomentando a participação da população e valorizando sua expressão musical.

Sob a influência inglesa, os estados da Borgonha serão um viveiro de grandes músicos. Muitos irão para a Itália reavivar seu lirismo e aprender o belo canto, atraídos pela brilhante civilização da península. A escola Franco-Flamenga, exercera durante um século no mundo musical uma supremacia quase absoluta, pois todos os grandes compositores do século XV dela fazem parte: Binchois, Dufay, Okghem, Isaac, Busnois, Tinctoris, Obrecht, Josquin, Mouton (CANDÉ, 2001, p. 311).

Durante essa época, em meio à mudança de mentalidade, a música deixou de ser um privilégio da nobreza, alcançando outras camadas da sociedade. Contudo, devido ao seu alto custo, emergiram os mecenas, que financiavam escolas e alunos, permitindo a continuidade e aprofundamento da educação musical.

Com o advento do Renascimento, torna-se indispensável mencionar a Reforma e a Contrarreforma Protestante, ambas influentes no âmbito musical. Martinho Lutero, impulsionado pela tradução da Bíblia para a língua vernácula e pela valorização da leitura das Escrituras, passou a incentivar não mais a polifonia, mas o canto uníssono, no qual toda a assembleia poderia participar, e não apenas o coral. Observa-se que a Igreja Católica contemporânea frequentemente adota essa abordagem participativa, ao invés de meramente contemplativa. Na esteira da

Contrarreforma, surge Giovanni Perluigi da Palestrina (1525-1594), que trabalha com a polifonia em língua vernácula, porém de maneira mais contida, tornando-se posteriormente um pilar fundamental para o gênero musical "Missa".

Ressaltar figuras notáveis no panorama artístico é crucial para compreender o desenvolvimento ao longo da evolução histórica e perceber a influência da pedagogia histórico-cultural. Eventos marcantes, como os do Renascimento, evidenciam que a música representa um estágio de amadurecimento benéfico para a sociedade. Nesse período, gêneros musicais e modos de execução de cantos diversificaram-se, não se restringindo a uma única linha de pensamento. Instrumentos passaram a ter maior protagonismo na execução musical, em contraste com a predominância vocal observada nos estilos "organum parapelo" e "milesmático" de Léonin e Pérotin. O alaúde consolidou-se como instrumento central, semelhante ao papel do violão na contemporaneidade. Além disso, ocorreu a evolução do órgão e a introdução de instrumentos como violas, derivadas das vielas medievais, bem como o desenvolvimento da família dos violinos.

A inclusão de instrumentos de sopro incentivou artesãos a aperfeiçoá-los e desenvolver melhores técnicas, evidenciando a capacidade humana de integrar instrumentos, música e voz. Conforme Ortolan (ANO, p. 25) afirma, "há uma rica profusão de novos instrumentos na Europa que foram agrupados em famílias, denominadas consortes, com o intuito de extrair um som homogêneo da música". Assim, surgiram instrumentos como flautas e violas da gamba. A Renascença, por sua vez, introduziu um vasto leque de possibilidades no campo da criação artística. Com esse progresso na cultura e musicalidade, a história da música explorou mais a criatividade e o desenvolvimento de elementos diversos, surgindo, assim, o Barroco.

A palavra barroco é provavelmente de origem portuguesa, significando pérola ou joia de formato irregular. De início, era usada para designar o estilo da arquitetura e da arte do século XVII, caracterizado pelo emprego excessivo de ornamentos. Mais tarde, o termo passou a ser empregado pelos músicos para indicar o período da história da música que vai do aparecimento da ópera e do oratório até a morte de J.S. Bach (BENNETT, 1986, p. 35).

Destacam-se, nesse período, relevantes progressos na história musical. A música, com maior liberdade, tornou-se mais próxima das pessoas. Durante esta fase, sentimentos como alegria, tristeza, pensamentos, ideias e natureza ganharam maior destaque como expressões artísticas. Esse cenário propiciou que a música

incorporasse e refletisse a realidade vivenciada pelo público, abrindo espaço para manifestações pessoais. Esta abordagem é frequentemente denominada "teoria dos afetos". O filósofo René Descartes ressaltou essa potencialidade da música em evocar paixões através de composições elaboradas. Com essa evolução, o músico passou a ter um papel definido na sociedade. Sua contribuição era vista como essencial, com muitos trabalhando para instituições religiosas ou nobreza, criando suas composições. A carreira musical, em muitos casos, era transmitida de geração para geração. Poucas instituições, além das religiosas, ofereciam ensino formal na área. O aprendizado, portanto, era restritivo: os músicos tinham um estilo próprio de execução e aceitavam apenas determinados alunos dispostos a seguir e perpetuar seu legado musical.

Vale ressaltar que, nessa era, a música adquiriu uma dimensão comercial devido à sua capacidade de evocar emoções. Compositores eram frequentemente contratados para criar peças para ocasiões específicas, como jantares e celebrações. Se uma composição não fosse bem recebida, adaptavam-se, não se apegando à rejeição, mas buscando inovação em suas criações. A diversidade na produção musical cresceu, não se restringindo apenas a peças vocais ou a acompanhamentos de um único instrumento. Múltiplas composições foram escritas para diferentes instrumentos, que posteriormente eram harmonizadas na execução.

Nesse contexto, destacam-se os fabricantes de instrumentos, conhecidos como Luthiers, que frequentemente contratavam compositores para auxiliar na montagem dos instrumentos. Nisto, observa-se o desenvolvimento da imprensa musical, responsável pela vasta reprodução do material desses músicos.

No período do Barroco, particularmente no Barroco tardio, surgem diversos elementos composicionais, como óperas de variadas nacionalidades e renomados compositores com obras apreciadas amplamente até os dias atuais. A notoriedade de compositores como J. S. Bach, luterano, e padre Antônio Vivaldi, é evidente neste cenário.

Sabe-se que Bach era um aficionado pelo estudo das formas composicionais dos compositores da época. Bach trabalhou em várias partes da Alemanha a serviço da Igreja Protestante, e sua música é marcada pelas características de cada lugar em que passou. A cantata estava presente em todo o serviço litúrgico protestante: sua função era compor uma cantata por semana para ser executada no domingo, durante o culto e, também ensaiar os músicos para executarem as cantatas (NASCIMENTO, 2016, p. 188).

O Barroco musical foi palco do surgimento de diversos movimentos musicais, tais como ária, oratório, cantata, música instrumental, suítes, sonatas, concertos, orquestras, entre outras formas de expressão musical. Esse período demonstra uma efervescência de possibilidades alcançadas pela humanidade quando se valoriza a liberdade criativa e o empenho individual e ao avançar em comparação ao Renascimento, propõe uma nova perspectiva de liberdade criativa. Neste panorama, torna-se possível observar e comparar com abordagens da pesquisa histórico-cultural, que enfatiza a expressividade do indivíduo em relação à sua obra. Nesse estilo, o íntimo do ser humano é refletido em suas criações, evidenciando as interações culturais em sua vida e abrindo portas para a descoberta de suas potencialidades. A música, inegavelmente, contribui para esse processo de autodescoberta e evolução humana.

O Barroco representou o ápice da arte, caracterizado pela intensa manifestação de traços humanos em sua essência. Esse período, marcado pelo exuberante desabrochar da expressividade, revelou o desejo intrínseco do ser humano de desenhar trajetórias para sua vida que não estivessem estritamente atreladas à religião.

Posteriormente, destaca-se o movimento da música clássica, que trouxe consigo diversos avanços no refinamento musical. Com uma duração de aproximadamente sessenta anos na evolução musical, essa fase, que sucedeu o Barroco, apresentou renomados compositores cujas obras são apreciadas até os dias de hoje. O estilo inicialmente dominante da música clássica foi o estilo galante, marcado por composições leves e agradáveis ao ouvido. Com o tempo, evoluiu-se para uma fase mais madura, incorporando outras nuances e expressividades.

Este período foi influenciado por uma série de eventos sociais, revoluções e mudanças na percepção do papel do músico. Havia uma visão de que a música era dispensável, refletindo um certo desprezo pela profissão. Analogamente, na contemporaneidade, persiste o preconceito de que a música não é uma profissão legítima ou que não merece remuneração adequada. Tal conceito se reflete até mesmo na educação, onde a música é frequentemente menos valorizada do que disciplinas como português e matemática. Tal percepção evidencia a origem da ambivalente valorização da música na sociedade.

O Classicismo, por sua vez, representa uma era de florescimento na música, mas também de desafios para os músicos. Durante o século XVIII, conhecido como



o "século das luzes", diversos eventos e descobertas, especialmente nas áreas astronômica e física, moldaram o pensamento humano. Os músicos, neste contexto, contaram com o apoio de Rousseau em suas reflexões sobre a música. Suas contribuições, aliadas a outras literaturas, consolidaram a música como um campo relevante diante de todas as transformações em curso.

Conseqüentemente, o período do Classicismo, situado nesse ápice do pensamento sociopolítico, acompanhou, de certo modo, por meio de destacados músicos como Haendel, Beethoven e Czerny. A objetividade das composições, aliada a um novo modo de pensar, elevou a música a um patamar inédito. Assimilando elementos do Renascimento, do Barroco e dos contextos histórico-culturais nos quais estava imersa, a música optou por uma interpretação mais simplificada de composição. As melodias adotaram uma estrutura com início, meio e fim, constituindo uma configuração mais direta e facilmente compreensível, sem excessos, porém bem articulada.

De Bach a Beethoven, a linguagem musical permanece essencialmente a mesma, sem que o sistema tonal ou as formas clássicas sejam questionadas. Os músicos da era barroca, ao contrário, mostravam-se constantemente preocupados em transformar a herança, em separar do passado, promover estilos e formas modernas. Diante do barroco, o clássico se distingue pelo rigor da imaginação e pela apreciação da linguagem. Os modelos de forma, de estrutura, de escrita que se definem no início do século XVIII serão adotados por várias gerações de músicos românticos começarem a rompê-los, redescobrimo o gosto pela singularidade. Julgados exemplares, esses modelos duradouros serão ensinados até nossos dias, como os modelos literários da Antiguidade do século XVII. Promovida a clássica, a música do século das Luzes se vê arbitrariamente designada para ser a base da nossa cultura musical. Tanto é que a maior parte das análises de música mais antiga ou mais recente ainda se referem implicitamente a seus esquemas, e seus sistemas harmônicos hoje se encontra na maioria de uma música de consumo que se acredita moderna! (CANDÉ, 2001, p. 524).

Neste contexto, propõe-se uma análise histórica sobre a evolução da música ao longo da trajetória humana. Nota-se sua variação de intensidade, influenciada ora pela Igreja, ora pela população, ora pelo contexto social vigente. Este panorama demonstra que a música, ao longo dos séculos, acompanhou e adaptou-se às mudanças, refletindo sua versatilidade em expressar a essência do ser humano.

No que se refere à música no Brasil, é importante reconhecer que o país tem um legado musical que não pode ser negligenciado. Embora talvez não com a mesma intensidade observada na Europa, a relevância é inegável. A arte brasileira, desde o período colonial, sofreu influências das tendências mundiais, mas é

fundamental compreender a singularidade nacional, oriunda da miscelânea de etnias e culturas. A fase primordial da música no Brasil ocorreu durante a colonização. A confluência de culturas resultou em uma participação ativa nos acontecimentos europeus. A música sacra, nesse contexto, tinha predominância na colônia, uma vez que era o que se importava da Europa, e a riqueza era a principal preocupação dos colonizadores.

A música no Brasil combina o tradicionalismo com traços do Renascimento e do Barroco, incorporando elementos do Classicismo e nuances das músicas africanas trazidas pelos escravos.

Inicialmente, os jesuítas utilizaram a música como instrumento de catequização dos povos indígenas que aqui residiam. Com o tempo, esses religiosos assumiram a educação e as escolas de belas artes. Surgiram, então, os mestres de capela, que auxiliavam nas igrejas para a execução das músicas nas celebrações, consolidando a sacralidade da música.

Impulsionada pelo boom econômico, a arte musical se beneficiou dos investimentos dos senhores de engenho. Isso favoreceu a chegada de artistas e fomentou a produção musical local. Contudo, dada a vastidão territorial e as distâncias entre as regiões, a música era ensinada principalmente àqueles que estavam nas proximidades desses senhores. Como resultado, muitos afrodescendentes assumiram papéis de músicos, imprimindo sua identidade cultural e nacional nas performances. Durante esse período, surgiram as escolas de belas artes, com destaque no Nordeste brasileiro, impulsionadas pela prosperidade advinda da produção de cana-de-açúcar.

O ciclo do ouro proporcionou um crescimento exponencial das artes, principalmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. A música adquiriu características renascentistas, ainda que mantivesse fortes influências europeias, transitando entre o estilo do Barroco tardio e o Classicismo.

Até a primeira década do século XIX mostrou, sobretudo, um espírito subserviente de colônia. Perseveramos musicalmente coloniais até que a convulsão de 1914, firmando o estado de espírito novo, ao mesmo tempo que dava a todos os países uma percepção, por assim dizer, objetiva da totalidade do universo e despertava no homem uma consciência mais íntima de universalismo, também evidenciada as diferenças existentes entre raças e legitimava em todos os agrupamentos humanos a consciência racial. A música brasileira encontra-se no momento crucial de sua evolução. (PERRUCCI, 1982, p. 145).

No Brasil, a música adquire maior notoriedade com a chegada da corte portuguesa. Antes desse período, há escassos registros devido às restrições à liberdade de imprensa e à limitada documentação escrita, o que torna muitos aspectos históricos nebulosos. Um exemplo é o lundu, gênero musical sobre o qual se conhece pouco.

Diversos outros estilos musicais emergem ao longo da história brasileira. Personagens como barbeiros se destacavam por sua multifuncionalidade: extraíam dentes, compunham e executavam canções. Ao longo dos anos, surgiram no Brasil gêneros como maxixe, chulas, cocos, caxambus, tiranas, lundus, modinhas e polca. Tais gêneros disseminaram-se pelo território nacional, carregando consigo elementos de alegria e melancolia, refletindo não apenas a atmosfera da corte, mas também a realidade histórico-cultural em que estavam inseridos.

O choro é um dos gêneros mais emblemáticos e conferiu identidade à música brasileira. Grandes nomes, como Ernesto Nazareth, Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga, surgiram nesse contexto.

O samba, outro movimento musical proeminente no Brasil, evidencia aspectos culturais intrinsecamente brasileiros. Destaca-se, ainda, o aprimoramento da música nordestina sob influência de Luiz Gonzaga, que incorporou e disseminou os ricos elementos da cultura local pelo país.

A bossa nova, que combina elementos do samba e boleros tocados nas ruas do Rio de Janeiro, evidencia a riqueza da cultura musical brasileira, demonstrando a capacidade do país de desenvolver e integrar elementos que contribuam para a formação cultural e expressão musical da população.

É imprescindível destacar, no panorama cultural e social da música brasileira, a vertente caipira sertaneja. Esta abrange em seus elementos uma rica tapeçaria da vida do povo, narrando histórias, sofrimentos, derrotas, conquistas e alegrias. Reflete a construção e evolução do Brasil sob a perspectiva do trabalhador rural, do indivíduo simples. Seu instrumental não se baseia em grandes pianos, órgãos, cravos ou violinos, mas na viola e no violão - instrumentos de 10 e 6 cordas, de baixo custo e ampla acessibilidade, usados para acompanhar suas narrativas.

Mario Tavares diz que uma expressão artística será tanto mais válida e duradoura quanto mais se apoie nas raízes étnicas do povo, em determinadas fases históricas. E por isso devemos defender a necessidade de um maior conhecimento, não só do folclore, mas da literatura, cerâmica popular, contos, lendas, autos, tudo que concorra para a conscientização do nacionalismo (PERRUCCI, 1982, p. 146).

Ao aprofundar-se na história da música e da arte em geral, além de compreender sua inter-relação com o ser humano, percebe-se que essa arte exerce um papel social emancipatório. Tal conhecimento permite identificar suas contribuições para a compreensão da natureza humana e da sociedade. Ao abordar o cerne deste estudo, afirma-se que as artes exercem uma influência significativa na humanização dos indivíduos. Como um produto histórico e social da humanidade, a arte acompanha as transformações da sociedade e proporciona oportunidades de aprendizado e crescimento, contribuindo para a emancipação e formação do caráter humano.

A música, em sua função de aprimorar a cultura, demonstra seu poder de transformação. Ao observar a historicidade, é possível discernir como, no passado brasileiro, a música atuou na aculturação dos povos, introduzindo elementos da cultura europeia, porém tingidos de inspiração popular.

A música brasileira teve origem na música popular, nas canções, com base nos trovadores. O violeiro sertanejo é a cultor apaixonado dessa música, que tem a melodia do índio, o ritmo sincopado do negro, e a melódica inspiração portuguesa. As tribos indígenas e africanas, eram imbuídas de fetichismo. Tamoios, tupinambás, guaranis, aborígenes e parecís, tinham festas rituais cantos monódicos em honra dos deuses, que adoravam, em sua idolatria. Cantando e improvisando, acompanhavam as danças ao som de instrumentos. Cantos fúnebres ou religiosos. Cantores populares e mestiços tinham ritmos variados (PAGANO, 1968, p. 106).

Nesse entendimento, a arte e a música, ao longo da história humana, têm contribuído significativamente para a formação do ser humano. Através delas, foi possível expressar a evolução da humanidade de forma autêntica, já que ambas carregam a essência do ser humano em seu cerne. O relacionamento do homem com a natureza, bem como sua compreensão, é refletido em sua produção artística.

Importante salientar nesse contexto, que a música, como uma das muitas maneiras de expressar a cultura na qual o ser humano está inserido, possui um papel preponderante. Ela reflete elementos locais, regionais e até modismos efêmeros, exemplificando o contexto histórico-cultural em que um indivíduo ou sociedade se encontra. Devido a essa capacidade de representar e ressoar profundamente com valores e princípios, é imprescindível reconhecer sua relevância na vivência humana.

### **3 A DIMENSÃO ESTÉTICA E CULTURAL DA MÚSICA NA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Assim, ao analisar a formação do ser humano, é vital considerar os fundamentos de sua construção e inserção social. Portanto, em estudos etnomusicológicos, a análise da música de um determinado povo, grupo étnico ou cultura proporciona insights sobre os componentes dessa musicalidade. Tal análise permite não apenas entender a evolução cultural musical, mas também a transformação de uma sociedade. Isso reforça a ideia de que a música é uma poderosa ferramenta de expressão e emancipação.

O contato que o ser humano estabelece com a realidade, faz com que exista dois momentos distintos no crescimento, o primeiro acontece com o conhecimento do objeto e o segundo com a experiência obtida por impulsos de desenvolvimento criativo, que o auxilia na sua relação com o mundo externo. Nisso estabelece uma dialética de crescimento emocional emancipatório, e tal crescimento se dá pelo amadurecimento do ser como um todo, construindo uma identidade.

As atividades realizadas pelo homem têm como finalidade o crescimento da humanidade culturalmente, socialmente e historicamente e busca aprimorar o seu desenvolvimento tendo em vista a constituição do ser e sua humanização, que acontece pela experiência que é vivenciada. Conforme Martins (2016, p. 707), definimos como vivência o que é experienciado pelo sujeito em face do objeto, que culmina representado sob a forma de imagem subjetiva, assim, “A vida do indivíduo comportará, então, uma infinidade de vivências e por estas conquistarão identidades distintas e desempenharão diferentes papéis na vida do sujeito”.

Na evolução histórica da humanidade, existe a busca para dar sentido às coisas e ao que está ao seu redor, e que por meio da dimensão estética, e em especial da música como arte, cria-se a possibilidade de aprender e se desenvolver com um olhar sensível, objetivando a humanização e a colaboração no desenvolvimento da sociedade, contrapondo-se ao dualismo que impera entre razão e emoção.

A música é uma realidade dicotômica é arte e é ciência, é técnica e é expressão emocional, porque o músico necessita dominar a técnica instrumental para poder expressar os sentimentos que o autor transcreveu para a grafia específica da música. Não há dúvida de que fatores psicológicos intervêm na criação, ou no fenômeno da interpretação instrumental. Porém, não se pode omitir a importância do conteúdo científico das leis que regem os fenômenos sonoros (AMARAL, 1991, p. 15).

Nesse sentido, busca-se delimitar um conhecimento que possibilite a emancipação do ser e destaque a música em sua essência, ressaltando a capacidade de influenciar o desenvolvimento do indivíduo, pois como dimensão estética afeta a essência, a alma do homem. A música exerce no ser um aprofundamento da história, pois, no indivíduo já existe o ritmo e o som, presentes na corporeidade, que associados ao desenvolvimento do indivíduo, cria o barulho, a partir dele, portanto, a necessidade de uma normatização, para que se possa utilizar desses elementos para uma melhor expressividade.

Ao longo da trajetória humana, há uma incessante busca por atribuir sentido ao que cerca o indivíduo. Por meio da dimensão estética, e especialmente da música enquanto arte, surge a oportunidade de aprendizado e desenvolvimento com uma perspectiva sensível, visando à humanização e à contribuição no progresso da sociedade. Essa perspectiva desafia o dualismo prevalente entre razão e emoção.

A música manifesta uma harmonia universal, visando incorporar sabedoria e ciência. Ela objetiva elevar a alma em sua jornada de transcendência. Por meio dela, reconhece-se que sua interação no âmbito acadêmico pode estabelecer distintas formas de conexão entre os estudantes, seus sentimentos e conhecimentos, fomentando uma relação com a realidade de maneira mais integrada; carrega em seu núcleo uma natureza funcional, marcando épocas e narrativas. Uma de suas facetas é expressar sentimentos humanos. Por essa razão, é pertinente ressaltar seu papel social. Ao integrar-se à vida dos indivíduos, ela molda espaços e auxilia no crescimento cultural e histórico.

Desse modo, avança-se na compreensão da importância da música para a humanização e para seu contexto histórico e social. Torna-se evidente que seu papel também deve ser reconhecido no ambiente escolar. A música apresenta inúmeras oportunidades de aquisição da cultura, aprimoramento da percepção, atenção e comunicação, bem como potencializa outras funções cognitivas fundamentais para o amadurecimento dos indivíduos.

Assim, ao se fundamentar a música enquanto emancipação humana, é possível constatar no indivíduo o efeito de catarse, ajudando a liberar um sentimento que pode estar reprimido; essa condição visa otimizar o potencial humano, pois a expressão artística é a manifestação da profunda narrativa interna do ser. Corroborando essa visão, Duarte comenta o pensamento de Lukács:

Entende que catarse não é uma categoria puramente estética; sua origem está na vida dos seres humanos. A obra de arte reelabora os conteúdos extraídos da vida, dando-lhes uma configuração que supera o imediatismo e o pragmatismo da cotidianidade, a obra de arte é mediadora entre o indivíduo e a vida. Incessante (DUARTE, 2010, p. 147).

A arte oferece ao indivíduo uma interpretação, repleta de elementos preexistentes, induzindo reflexões e propostas que potencializam a autocompreensão. Isso instiga no ser humano a noção de catarse como um vetor emancipatório. A música, um dos pilares da expressão artística humana, evoca emoções e narra episódios que o vocabulário convencional não consegue capturar. Proporciona, assim, um modo inovador de expressão que busca revelar a verdadeira essência do homem. Duarte (2010), ao discorrer sobre a concepção de Lukács, enfatiza que a arte objetiva a fetichização da realidade social, instigando no receptor da obra uma introspecção sobre sua individualidade.

A catarse opera uma mudança momentânea na relação entre a consciência individual e o mundo, fazendo com que o indivíduo veja o mundo de maneira diferente daquela própria ao pragmatismo e ao imediatismo da vida cotidiana. Por meio dessa momentânea suspensão da vida cotidiana, a arte exerce efeito formativo sobre o indivíduo, efeito esse que terá repercussões na vida do indivíduo, as quais, porém, não ocorrem de maneira direta e imediata, havendo entre elas e a catarse estética uma complexa trama de mediações que torna impossível definir a priori as consequências, para a vida de determinado indivíduo, do processo de recepção de determinada obra de arte (DUARTE, 2010, p. 152).

Sob esse prisma, é possível considerar que a música pode promover uma experiência emancipatória tanto no indivíduo quanto na sociedade, favorecendo a formação integral do ser. A catarse musical aprimora a percepção do indivíduo. Por meio da experiência proporcionada, infunde na personalidade uma capacidade interpretativa mais sensível do ambiente circundante, refinando sua percepção e oferecendo uma nova forma de vivenciar a sociedade. Nesta associação, a catarse musical possibilita ao ser humano o florescimento de sua criatividade, permitindo expressar seu potencial de inovação e concepção, consolidando sua trajetória como força motriz na evolução sócio-humana.

Saccomani (2016) propõe que a manipulação e o amadurecimento do processo criativo intensificam as habilidades de aprendizado e produção do indivíduo, à medida que este se engaja com a arte e o conhecimento. Isso evidencia sua habilidade inata de ser tanto consumidor quanto gerador de sua expressividade emancipatória, estabelecendo uma conexão entre sua existência e sua obra.

Em relação dialética, a partir do momento em que o ser humano começa a modificar a natureza, ele modifica a si próprio. Vale dizer aqui que nós, seres humanos, também somos natureza. Para o ser humano garantir a sua sobrevivência, ele necessita criar os meios para satisfazer as suas necessidades e, assim, cria novas necessidades no decorrer do processo histórico. Cria-se uma realidade humanizada na medida em que o ser humano se apropria da natureza por meio do trabalho, transforma-a e nela se objetiva. Ou seja, no trabalho há transferência de atividades do sujeito e objeto, o que é chamado processo de objetivação. Mas, para realizar a atividade de trabalho, o sujeito deve aprender a usar instrumentos, o que exige a aprendizagem tanto nas funções que o instrumento pode desempenhar no processo laboral como das operações que o sujeito deve executar corretamente para o uso eficiente do instrumento (SACCOMINI, 2016, p. 46).

Assim, a catarse artística confere ao indivíduo um potencial criativo, levando-o à autenticidade. No contexto da evolução da música, por exemplo, essa genuinidade o posiciona como um vetor de inovação, gerando novos formatos e oportunidades. Na interseção entre catarse e estética, a música potencializa no ser humano uma conexão sensível, intensificando sua relação com a natureza e enriquecendo o diálogo com seu entorno. Assim, a educação artístico-musical, como outras ciências, é capaz de auxiliar no aprendizado humano.

Ainda segundo Saccomani (2016), na defesa dessa perspectiva, sustenta que o ato de criar e o processo criativo amadurecem as habilidades de aprendizado e produção do indivíduo à medida que este interage com o conhecimento e sua manifestação artística. Deste modo, é destacada a capacidade inata do ser humano de ser tanto receptor quanto gerador de sua expressão emancipadora, estabelecendo uma interação entre a vida e sua produção.

Na Pedagogia Histórico-Crítica, essa perspectiva emancipatória vê o indivíduo como principal agente diante das forças externas. Assim, a arte e a música são compreendidas como ferramentas valiosas que, indubitavelmente, enriquecem o processo de desenvolvimento humano científico.

Dentro desse cenário, a percepção, que é fundamental na formação de um ouvido musical, torna-se essencial para captar elementos que servirão como base na elaboração da estrutura artística. Assim, caso não esteja alicerçada em uma cultura social voltada a um diálogo sensível, apto a perceber nuances, essa percepção pode deixar de influenciar positivamente a produção na natureza do ser humano.



O trabalho como produção de recursos, materiais e não materiais, necessários à sobrevivência humana é a base de toda cultura, tanto em termos históricos como em termos da estrutura de qualquer sociedade em qualquer época. A arte, assim como todas as outras formas de objetivação da humanidade, originou-se do trabalho, destacando-se dele em um longo percurso histórico. Em sua gênese, a arte esteve misturada à magia e depois à religião. Mas foi aos poucos se afirmando em sua especificidade, centrada no humano e, por conseguinte, oposta às explicações transcendentais e centradas no divino. A obra de arte é fruto do trabalho humano, criado pelos seres humanos e para os seres humanos (SACCOMANI, 2016, p. 54).

Compreende-se que as artes possuem o papel de conferir ao ser humano a autoria de seu trabalho. Por meio delas, a concepção e percepção do mundo em que se encontra tornam-se mais aguçadas. Assim, por meio da educação artístico-musical, o ser humano transforma e aperfeiçoa sua relação com a natureza e com aqueles que o acompanham.

Estabelece-se que, por meio do trabalho musical, se formam relações com a dimensão estética da formação humana. Dessa forma, a arte musical provoca mudanças substanciais na formação do ser humano, auxiliando-o na compreensão de sua própria natureza. Ao estabelecer diálogos com esses aspectos de sua essência, o ser humano encontra um espaço no qual pode afirmar plenamente sua identidade, elevando-se a um nível de compreensões mais sofisticadas, humanizando-se e desenvolvendo-se de forma integral.

### 3.1 EDUCAÇÃO MUSICAL NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA HUMANIZAÇÃO DO HOMEM

A música serve como instrumento de comunicação e interpelação, despertando sensibilidades e estabelecendo conexões entre o ser humano e o ambiente em que vive. Atua também como linguagem, aproximando a relação com o objeto de percepção, devido à sua capacidade de facilitar o entendimento, em comparação, por exemplo, à linguagem falada.

Ressalta-se que a arte incentiva o ser humano a perceber o que vai além do aparente. Tem como propósito traduzir, em objetos criados, os sentimentos intrínsecos, expressando a compreensão do indivíduo acerca de suas reflexões. Ao promover diálogos com o outro, a dimensão estética oferece oportunidades de aprendizado que, através da sensibilidade, proporcionam experiências mais significativas.

A dimensão estética oriunda da arte e da música expande a percepção do ser humano em relação ao mundo ao seu redor, potencializando os processos educacionais de ensino e aprendizagem.

A questão, portanto, é mostrar as possibilidades da experiência estética para nos tornar sensíveis e receptivos às diferenças e àquilo que consideramos estranho ou sequer reconhecemos, como um modo de abertura à alteridade e, sobretudo, como uma possibilidade educativa na construção de uma nova sensibilidade. Uma sensibilidade aguçada apresenta condições de articular as orientações normativas e, inclusive, de reinventá-las, levando em consideração as particularidades dos indivíduos concretos (HERMANN, 2014, p. 123).

É essencial aprofundar os conhecimentos sobre a história da música e da arte, compreendendo sua relação com o ser humano. Reconhecendo seu papel social e emancipatório, percebe-se como tais artes contribuem para a compreensão da natureza humana e da sociedade.

Retomando o foco deste estudo, pode-se afirmar que as ciências em destaque são fundamentais para a humanização dos indivíduos. Ao se constituírem como produtos históricos e sociais da humanidade, elas acompanham as transformações da sociedade, como abordado no primeiro capítulo, e fomentam situações de aprendizado e desenvolvimento, reforçando a formação humanizadora.

A arte e a música oferecem possibilidades ímpares de aprendizado e desenvolvimento. Ao longo da história, ambas desempenharam papel crucial na construção da identidade humana, expressando a evolução da humanidade em sua forma mais pura e refletindo a essência do ser. A representação artística é um resultado da relação do homem com a natureza.

Defende-se, portanto, que a música é uma ferramenta pedagógica valiosa, com características intrínsecas que auxiliam no processo educacional. A integração musical no processo de formação, inclusive na capacitação de educadores, é de suma importância.

Assim, sua relevância deve ser discutida em instituições de ensino superior, sendo reconhecida como um instrumento para a emancipação humana. Reconhece-se que a exploração deste recurso ainda está em estágios iniciais, e há um vasto caminho a ser trilhado e aprofundado à luz do pensamento histórico-cultural.

Memória, atenção e percepção configuram pontos de interseção entre a teoria histórico-cultural e a música, atuando como ferramentas de aprendizado para a interpretação do mundo. Tais ferramentas capacitam o ser humano a interagir e se

socializar dentro do contexto cultural em que está inserido, fortalecendo sua relação e comunicação com o mundo.

Desse modo, é possível afirmar que as funções psíquicas do homem são de caráter mediatizado, ou seja, necessitam de elementos, signos e/ou símbolos capazes de estabelecer ligações entre a realidade objetiva, externa, e o pensamento, que na abordagem histórico-cultural não é determinado por leis biológicas, mas por leis sociais, por isso, históricas. (TOSTA, 2012, p. 60).

Dessa perspectiva, estabelecem-se premissas que reforçam a necessidade de uma análise integrada entre música e teoria histórico-cultural, visando o crescimento e desenvolvimento integral do indivíduo. Ao aliar os princípios da teoria histórico-cultural à prática musical, cria-se um ambiente de aprendizagem rico, que favorece a formação de identidades, desenvolvimento cognitivo e socioemocional, além de potencializar a criatividade e a capacidade colaborativa inerente à música.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Vygotsky, que enfatiza funções cognitivas superiores, como a memória, permitindo ao indivíduo armazenar informações e experiências passadas, essenciais para a aprendizagem e construção do conhecimento. O acúmulo técnico proporcionado pela música, nesse cenário, reitera a relevância do diálogo acerca da musicalidade como uma via de aprendizado.

Quanto à atenção, entende-se como a habilidade de concentrar-se em estímulos pertinentes, sendo crucial para o processo de aprendizado e seleção de informações ambientais relevantes. Na música, essa capacidade é evidenciada na interpretação: sem prática e repetição adequadas, torna-se desafiador compreender plenamente uma partitura com suas nuances.

A percepção, por outro lado, relaciona-se à habilidade de interpretar e atribuir significado às informações sensoriais do ambiente. Na esfera musical, manifesta-se na leitura e interpretação de uma partitura. A percepção é fundamental para uma interpretação fiel ao compositor, exigindo disciplina na análise da partitura. Afinal, a música só se concretiza quando, munido de conhecimentos, o músico a executa. Sem essa interação, as notas em uma partitura não passam de meros símbolos gráficos.

Ambas as perspectivas buscam estabelecer uma linguagem de comunicação que potencialize a interação do indivíduo com o objeto central de seu diálogo: sua

própria existência. Ao compreender a cultura na qual o indivíduo está inserido, ganha-se clareza sobre o que ele pode vir a se tornar.

Para Vigotski (2002), o pressuposto da constituição social dos seres humanos assenta-se na noção de cérebro como um sistema aberto em outras palavras: de acordo com as experiências sociais dos sujeitos e a utilização de diferentes instrumentos e símbolos como a linguagem e a tecnologia, os homens terão várias possibilidades de funcionamento cerebral. Assim, dialeticamente, quanto mais aprendizagens de caráter semiótico, simbólico, mais o cérebro poderá operar utilizando-se de seu aparato psíquico no que diz respeito às funções psicológicas superiores relativas à utilização de vários símbolos e signos, como a escrita, o desenho, a aritmética, a música. Desse modo, ao efetuar uma operação matemática de adição como  $10+5$ , por exemplo, o indivíduo pode, dependendo de suas aprendizagens nas interações e mediações culturais, usar vários recursos para chegar ao resultado desejado, como: contar nos dedos, usar a calculadora, recorrer a um conteúdo previamente memorizado. Esta condição de articulação de diversos elementos no cérebro através das interações entre bases biológicas e aprendizagens socioculturais caracteriza a plasticidade neuronal. Essa plasticidade essencial possibilita ao cérebro constituir novas funções a partir das experiências históricas dos homens (TOSTA, 2012, p. 63).

A música e sua teoria compartilham dessa visão, conforme destacado por Tosta, ao ampliar a compreensão sobre o funcionamento cerebral. A música, repleta de símbolos, demanda uma robusta bagagem cultural para sua interpretação, reforçando o exercício intelectual e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Analogamente à matemática, a música requer técnica para alcançar sua plenitude. Ambas, em essência, são convergentes, demonstrando uma capacidade transdisciplinar e unindo o biológico ao intelectual. Na música, a síntese de conhecimentos visa controlar o aspecto biológico.

A música é um meio potente para impulsionar o desenvolvimento intelectual e afetivo do ser humano. Suas práticas sociais e culturais fornecem insights valiosos sobre o aprendizado e a formação individual.

Nesse sentido, reconhece-se que a música ativa as funções cognitivas superiores mencionadas por Vygotsky. Para apreciar, tocar ou cantar música, é essencial atentar-se às nuances da composição, desenvolver memória para sequências musicais - conquistada através de técnica e repetição - e ter percepção para discernir elementos musicais, como ritmo, melodia e harmonia. Estes carregam, em sua essência, marcas culturais que influenciam a criação, execução e interpretação, refletindo os contextos históricos e culturais do intérprete. Além disso,

a música tem o poder de evocar memórias e sensações, conectando-nos a experiências passadas.

Ressalta-se que a música é um produto de seu tempo, refletindo o contexto sociocultural de cada época. Ela incorpora características e técnicas contemporâneas, acompanhando a evolução cultural.

Ao longo da história, diferentes estilos musicais emergiram e evoluíram, moldados pelos contextos culturais, sociais, políticos e tecnológicos de seus respectivos períodos. Cada era histórica traz consigo uma estética e uma abordagem musical que refletem os elementos culturais do momento.

A música, pode-se dizer, atua como um espelho da sociedade. Aspectos musicais, como ritmo, melodia e harmonia, bem como as letras e temas das composições, refletem sentimentos e valores de um determinado grupo social em um específico período histórico.

Essas características em comum, observadas tanto na teoria histórico-cultural quanto na música, alinham-se com o que a teoria histórico-cultural denomina como funções psicológicas superiores. A formação do indivíduo é moldada por experiências sensíveis e relacionais, e a música desempenha um papel significativo nesse processo, facilitando a interação entre o indivíduo e seu ambiente. Suas dimensões afetivas tendem a enriquecer de maneira singular a formação humana.

Na concepção de Vygotsky, a educação é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e a construção das chamadas funções psicológicas superiores. Considerando que a música compartilha princípios semelhantes aos da teoria histórico-cultural, ela se revela uma poderosa ferramenta para enriquecer a interação do indivíduo com o contexto no qual está inserido.

A música é um meio para enaltecer e aprimorar a experiência do indivíduo em sua sociedade. Proporciona maneiras de expressar e comunicar, permitindo que o ser humano se engaje ativamente em práticas musicais, interaja com outros e explore nuances culturais. Se considerarmos programas de música em contextos sociais vulneráveis, por exemplo, eles possibilitam que crianças tenham acesso a instrumentos clássicos, frequentemente inacessíveis devido ao custo. Entidades ou instituições religiosas, em muitos casos, facilitam esse acesso, abrindo portas para diferentes experiências culturais. A música, portanto, serve como ponte para realidades e culturas distintas. Graças à sua linguagem universal, ela tem o poder de conectar. A música, como já observado, é um reflexo das características culturais de

uma sociedade e constitui um meio sonoro que transmite emoções, pensamentos e ideias.

Através da interação com a música, indivíduos têm a capacidade de aprimorar suas competências cognitivas, emocionais e sociais. Esta não deve ser compreendida como um mero talento, mas sim como uma ferramenta potente para o desenvolvimento afetivo e intelectual.

É possível inferir que entre a música, a vivência, a teoria histórico-cultural, a emancipação, o desenvolvimento, a análise e a percepção estético-musical, existe uma consonância. Todas visam o mesmo objetivo no contexto educacional, considerando a vida do indivíduo em seu contexto social. Além disso, elas estabelecem diálogos em ambientes variados, visto que o ser humano, ao interagir com diversas culturas, amplia sua capacidade comunicativa e enriquece seu intelecto.

Nesse sentido, segundo a teoria histórico-cultural proposta por Vygotsky, a vivência e a interação com o ambiente social e cultural são cruciais para a expansão do saber humano. A música, integrante da diversidade cultural, constitui-se como um meio de expressão e comunicação, facilitando a vivência e interação entre os sujeitos.

Sua linguagem versátil viabiliza a exploração de variados estilos, gêneros e tradições culturais, tanto locais quanto nacionais. Isso fomenta a sensibilidade estética e a apreensão das singularidades histórico-culturais de cada contexto, permitindo ao indivíduo vivenciar e absorver ricas experiências culturais.

No âmbito da emancipação e crescimento, torna-se evidente o papel que a música desempenha no desenvolvimento humano, fornecendo meios para expressar emoções, pensamentos e identidades de maneira inovadora, além de oferecer espaços para a emancipação.

A análise e percepção estético-musical surgem como elementos fundamentais para o estabelecimento de uma consciência crítica. Por meio de ferramentas analíticas, os sujeitos podem dissecar e entender componentes musicais como melodia, ritmo, harmonia, timbre e estrutura. A percepção aguça a sensibilidade para as qualidades estéticas e expressivas da cultura em constante transformação, e a dedicação ao estudo musical amplifica a habilidade de interpretar e valorizar diversas manifestações histórico-culturais.

É possível interpretar que a música desempenha um papel significativo na vivência, desenvolvimento, emancipação e percepção estético-musical, conforme a teoria histórico-cultural. Esta teoria oferece elementos que possibilitam aos indivíduos enriquecer suas expressividades e, de certo modo, tornarem-se autônomos, expandindo seu repertório estético e formando um indivíduo crítico, intuitivo e participativo no contexto social.

A música e a arte assistem o ser humano em uma dimensão estético-cultural profunda e integradora, com capacidade humana de sintetizar sentimentos propicia a externalização de pensamentos pungentes e deliberativos, promovendo inclusão. A arte, em suas múltiplas manifestações, tem o poder de evocar sentimentos de aproximação ou distanciamento, guiando o indivíduo por um universo vasto e complexo, estabelecendo uma continuidade nas elaborações individuais, fomentando a construção de uma identidade que enriquece a experiência de vida.

Dentro desse panorama, há um espaço para emancipação sociocultural, conforme sugere Vygotsky, conferindo objetividade à educação.

Para Vigotski (1999), a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, compreensão que lhe permitia enxergar a potencialidade dessa elaboração humana para aqueles anos iniciais do século XX, nos quais a sociedade marchava para a construção da nova sociedade e de um novo homem, comunista objetivos que deveriam ser alcançados após a revolução russa de 1917. Sob essa perspectiva, a arte está intrinsecamente ligada à vida, às relações sociais de determinada época, de modo que se pode entender que o material para o conteúdo e estilo artísticos são apreendidos da realidade e trabalhos a partir dela. Mesmo assim, a obra de arte não se constitui em cópia fiel da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto de ação criativa que se transforma em produto cultural. Como escreve Vigotski (1999), a arte está para a vida como o vinho para a uva – disse o pensador, estava coberto de razão ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz cima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

É notável a habilidade da música em reunir indivíduos, sintetizando sentimentos e emoções. A externalização de emoções, seja de alegria e entusiasmo ou de tristeza e contemplação, estabelece uma comunicação que ultrapassa limites linguísticos e culturais. Assim, música e arte possibilitam que a educação se entrelace em uma abordagem interdisciplinar, instigando um sentimento de compreensão e co-construção.

Sua flexibilidade permite provocar uma sensação de distanciamento e questionamento, desafiando expectativas e promovendo reflexões mais profundas sobre si mesmo e o mundo. Essa dinâmica destaca a pluralidade cultural, visto que

há variações de apreciação, evidenciando a capacidade humana de aceitar diversas manifestações culturais. A arte, com essa versatilidade, oferece espaço para contemplação e introspecção, permitindo que os indivíduos explorem diferentes perspectivas e expandam seus horizontes.

Conforme a teoria histórico-cultural de Vygotsky, a arte, incluindo a música, desempenha um papel vital na educação emancipatória. Elas conferem objetividade ao aprendizado, expondo os indivíduos a variadas formas de expressão cultural, perspectivas e vivências. Por meio da arte, são incentivados a analisar e questionar suas ideias e crenças, desenvolvendo um entendimento crítico do mundo, e assim, tornando-se agentes ativos no crescimento cultural de sua comunidade.

Conforme a sociedade vai se complexificando, desenvolvendo novas forças produtivas e relações sociais, a arte torna-se mais distante da magia e assume novas funções, contando com a elaboração de novas técnicas, de novas formas e aumentando o domínio do homem sobre o mundo. Ao mesmo tempo, vai se processando a “humanização do mundo”, visto que a arte possibilita preencher e deixar registrada de modo criativo as experiências relacionais humanas travada. Isso se constitui em condições que enriquece o homem e amplia e torna cada vez mais rica, posto que complexa, a atividade que desenvolve. Ao longo de sua existência o homem elabora novos instrumentos, pelos quais pode desvendar e intervir sobre o mundo, que mágico, constituído puramente por forças celestes ou naturais indomáveis, mas como ambiente que é passível de ser por ele transformado (BARROCO, SUPERTI, 2014, p. 23).

Assim, a arte pode ser vista como uma ferramenta para a promoção da inclusão e diversidade social. Ela proporciona um espaço para variadas expressões e valorização das distintas culturas e pontos de vista. Engajando-se na criação e apreciação artística, os indivíduos engajam-se em processos colaborativos, desenvolvendo habilidades de cooperação, respeito mútuo e compreensão intercultural. A música e a arte potencializam a dimensão estética e cultural da experiência humana, servindo como meios de expressão, comunicação e reflexão.

A música e a arte possuem a peculiaridade de reunir elementos culturais, tal qual outras disciplinas, permitindo ao indivíduo ampliar sua compreensão acerca do mundo. Esta construção se reflete em sua dialética subjetiva, convergindo suas concepções para um diálogo produtivo com o ambiente em que está inserido.

Conforme a teoria da objetivação de Vygotsky, a música e a arte atuam como mecanismos capazes de reunir elementos culturais nos contextos em que o indivíduo está inserido, desempenhando um papel crucial na formação de sua compreensão e no estabelecimento de diálogos.



Ao interagir com a música e a arte, o indivíduo é imerso em variadas formas de expressão do conhecimento, possibilitando-lhe ampliar sua compreensão acerca do mundo, enriquecer sua perspectiva e fomentar sua capacidade de expressão criativa.

Ao valorizar e se envolver ativamente nas artes, são promovidas interações sociais e culturais significativas. Por exemplo, ao tocar um instrumento em grupo, ele aprende a colaborar, ouvir e reagir às interações dos demais.

Nesse contexto, a música e a arte estabelecem um ambiente favorável à objetivação, permitindo que as vivências internas e subjetivas do indivíduo se exteriorizem e sejam compartilhadas. Tais manifestações artísticas potencializam sua compreensão acerca do mundo, incentivando o diálogo com seu entorno, enriquecendo sua dialética subjetiva e consolidando suas percepções de maneira objetiva.

O processo de formação do psiquismo na ontogênese é explicado por meio do processo dialético de objetivação e de apropriação histórico. É por meio do trabalho que o homem constrói suas características humanas e as fixa fora do seu corpo, nos objetos da cultura, como os instrumentos, a linguagem, a ciência, a arte e a filosofia. Este se trata do processo de objetivação, que permite a posterior apropriação e recriação das características humanas nos demais indivíduos que entram em relação com tais objetivações. A apropriação de produtos e processos implica numa duplicação dos mesmos nos indivíduos, passando a servir-lhes como matéria prima para novas objetivações (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Assim, percebe-se que a arte oferece recursos significativos para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores e para a emancipação no âmbito da formação e ação humanas. Segundo a teoria histórico-cultural, a objetivação introduz elementos contundentes e relevantes, uma vez que ela alcança, poder-se-ia dizer, diversos gatilhos emocionais.

A arte, em especial a música, desempenha um papel primordial na configuração das funções psicológicas superiores, conforme delineado pela teoria histórico-cultural. Por meio da arte, os indivíduos têm a oportunidade de experimentar e desvendar um vasto leque de vivências emocionais, intelectuais e sociais, contribuindo assim para o aprimoramento de suas capacidades cognitivas e socioemocionais.

Na arte, a objetivação manifesta-se quando sentimentos, ideias e concepções individuais são exteriorizados e concretizados em expressões artísticas, sejam elas

composições musicais, pinturas, esculturas, entre outras. Esse processo de objetivação facilita a expressão das vivências subjetivas de maneira palpável e partilhável, favorecendo a comunicação e estabelecendo conexões entre as pessoas.

Mediante os estímulos emocionais veiculados pela arte, os indivíduos têm a chance de sondar e assimilar diversas emoções, incentivando um entendimento mais profundo acerca de si e do entorno. A arte pode evocar sentimentos como alegria, tristeza, admiração e surpresa, e tais emoções são cruciais no desenvolvimento de funções psicológicas elevadas, como atenção, memória e percepção.

Adicionalmente, a objetivação artística propicia uma ponderação crítica sobre temáticas sociais, culturais e históricas. Mediante a criação e apreciação artísticas, é possível explorar variadas perspectivas, desafiar conceitos arraigados e cultivar uma reflexão mais sofisticada e ponderada sobre o ambiente circundante.

Assim, a arte, com destaque para a música, configura um ambiente propício para a objetivação tanto emocional quanto intelectual. Esse processo possibilita que os indivíduos interpretem e assimilem suas vivências de maneira enriquecedora. Tal objetivação é determinante para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores e fomenta a emancipação na construção e atuação humanas, ampliando o entendimento sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Na abordagem sobre a formação dos aspectos psicológicos superiores, uma reflexão profunda de Vygotsky fundamenta a perspectiva aqui exposta sobre a formação do pensamento humano. Esse pensamento busca se apropriar intensamente do biológico, do sensível e do relacional para se consolidar como um ente plenamente inserido no contexto cultural e no ambiente em que se encontra. Neste estudo, especificamente, é dada ênfase à arte. A interação possibilitada por essa perspectiva permite que o indivíduo sinta-se contextualizado e identificado com a realidade de sua região e de sua nacionalidade.

No Brasil, a rica e diversificada tapeçaria cultural pode, se não devidamente valorizada, gerar divisões e exclusões em detrimento de uma cultura que celebre a diversidade. Ao reconhecer e exaltar a multiplicidade cultural de uma região, nação ou até mesmo religiosidade, é viável fomentar a edificação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas, mais enriquecidas e inclusivas. Nesse sentido, a perspectiva histórico-cultural instiga a exploração e o aproveitamento dessa

diversidade cultural, uma verdadeira força propulsora, que permite que cada indivíduo se sinta pertencente à sua peculiar realidade cultural e nacional.

Por conseguinte, aborda-se a extensão da cultura no tocante ao psiquismo e à humanização dos sentidos. Há uma dialética entre razão e emoção, que exerce papel crucial na configuração dos sentidos. Esta relação estabelece um ambiente propício para a edificação de significados, valores e símbolos, os quais moldam percepções, emoções e raciocínios. A interação entre razão e emoção é incessantemente negociada e intermediada por esse contexto, possibilitando uma apreensão mais profunda e intrincada da realidade.

Ao se analisar a abrangência da cultura sob a perspectiva do psiquismo e da humanização dos sentidos, destaca-se a relevância da cultura na edificação de identidades, na construção de significados e na promoção de um entendimento mais amplo do mundo. Mediante a fusão de razão e emoção, consegue-se aprimorar a compreensão sobre o indivíduo, os demais seres humanos e o contexto sociocultural em que todos se encontram inseridos. Vigotski (1999) cita a percepção, a emoção, a criatividade e a imaginação como processos psicológicos relacionados com a arte.

O processo de perceber a formação artística exige determinado modo de funcionamento do psiquismo e humanização dos sentidos. A obra de arte é uma síntese, uma unidade composta por elementos específicos que, para sua apreensão, faz-se necessário compreendê-los em relação dialética, contando com atividades tanto do pensamento – razão- como das emoções. Por meio dos objetos culturais, no caso também a arte, é que o homem tem seus sentidos plenamente desenvolvidos; assim, sua ação pode ser livre das necessidades orgânicas e estritamente práticas ligadas ao contexto imediato. Desse modo, a arte e os instrumentos culturais servem à humanização dos homens e ao desenvolvimento de sentidos novos como os amores, as paixões, a amizade. Portanto, somente com a construção dos objetos culturais e artísticos é que ficam afirmadas as características estritamente humanas, com necessidades além das naturais. A arte contribui para o desenvolvimento dos sentidos, tornando o homem ainda mais livre dos instintos e das necessidades imediatas, dando liberdade de criar sob novos princípios, como os da beleza. Além disso, a arte afirma elevadas características humanas, possibilitando não apenas a humanização dos cinco sentidos biológicos, mas contando com eles, possibilita o desenvolvimento dos sentidos (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Compreende-se, assim, que na formação biológica superior, identificam-se elementos primordiais que habilitam o uso das artes como instrumentos de desenvolvimento cognitivo relacionados à percepção, produção, criatividade e integração. A música, em especial, apresenta um impacto expressivo na vida do ser humano; portanto, os que buscam excelência na educação musical dispõem de um

recurso adicional, cujo valor reside em seu amplo alcance perceptivo. Assim, a dedicação e o rigor no aprendizado musical podem gerar benefícios substanciais para o indivíduo, transcendendo a mera apreciação e observação artísticas.

Conforme as contribuições de Vygotsky (1999), podemos considerar que o objetivo da psicologia da arte refere-se à análise da estrutura da obra de arte, buscando apreender as funções psicológicas tipicamente humanas, inclusive o sentimento, que a obra suscita. Vygotsky(1999) chama de método objetivo analítico a investigação da psicologia da arte por meio da estrutura da obra, com vistas ao tipicamente humanas, cristalizando no objeto cultural criado. A psicologia da arte revelaria, então, as funções psicológicas colocadas em movimento pela estrutura da obra, demonstrando, assim, as leis de funcionamento da resposta estética no psiquismo, bem como as transformações provocadas no indivíduo. Assim, podemos pensar que a psicologia da arte parece ter dois objetivos essenciais (a) revelar a vivência psicológica que a obra de arte objetiva e (b) explicar as consequências da resposta estética no psiquismo humano (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 29).

Dessa forma, esse diferencial que o comprometimento com a prática e disciplina musical oferece estabelece novos paradigmas na ciência evolutiva, contribuindo para a emancipação frequentemente associada à teoria histórico-cultural. Aqueles que se dedicam à educação musical e almejam aprimorar-se nesse campo desfrutam de um espectro mais vasto de oportunidades perceptivas e expressivas. O processo de aprendizado e prática musical mobiliza habilidades cognitivas intrincadas, como acuidade auditiva, coordenação motora aperfeiçoada e memória musical. Vale salientar a importância do raciocínio antecipatório no contexto musical: o músico precisa interpretar as notas não apenas no momento presente, mas também antecipando as sequências futuras, decifrando continuamente signos e símbolos à medida que a peça progride.

A música é uma ciência básica com um grande número de variações de códigos, o que possibilitaria o desenvolvimento intelectual da pessoa. Quanto mais cedo crianças entrarem em contato com o mundo da música, maiores serão as chances de que elas assimilem novos códigos sonoros que a música pode oferecer. Maior será o seu conhecimento armazenado na memória sonora, quanto mais tipos de sons a criança ouvir, o que pode ser também ampliado, se a criança praticar um instrumento musical. Neste processo, a criança torna-se o agente criador de diferentes códigos sonoros, por meio de criações realizadas com seu instrumento. Para o autor, o estímulo ao aprendizado da música é necessário, já que a música para a criança funcionaria como uma nova forma de exteriorização dos sentimentos, como um novo idioma que servirá de veículo para as emoções (PEDERIVA; TRISTÃO, 2006, p. 88).

Nesse sentido, ao analisar os parâmetros biológicos e as ciências físicas, percebe-se o impacto na formação neuronal, tornando-a mais eficaz. As experiências musicais e os desafios cognitivos inerentes à prática musical podem influenciar profundamente o desenvolvimento neuronal.

Estudos evidenciam que a aprendizagem musical está correlacionada com aprimoramentos na memória, atenção, coordenação motora e desenvolvimento linguístico. A integração da teoria histórico-cultural auxilia na compreensão da relevância da música como ferramenta emancipatória. Considerando-se os parâmetros biológicos e científicos na prática musical, observa-se uma influência no desenvolvimento cognitivo e emocional, na criatividade e na emancipação do indivíduo, estando em consonância com os princípios da teoria histórico-cultural.

Quando um adulto houve atentamente uma peça musical, e compreende esta linguagem, uma enorme quantidade de informações são processadas muito rapidamente. Muito desse processamento acontece automaticamente, abaixo do plano consciente de análise, porque não há tempo refletir sobre cada detalhe enquanto uma música acontece. Os elementos da sentença musical são, portanto, processados mais rapidamente. Isto acontece de um modo que o ouvinte atento não tem tempo de compreender todos os significados envolvidos. Ao mesmo tempo, o ouvinte depende de uma aprendizagem perceptual, a qual é obtida no contexto de sua cultura particular. Elementos na estrutura cognitiva musical de um adulto, também podem ser encontrados em crianças, o que indica que, em uma mesma cultura há uma precoce e grande influência na aquisição de habilidades cognitivo-musicais (PEDERIVA; TRISTÃO, 2006, p. 89).

Do ponto de vista técnico, dominar habilidades específicas relacionadas ao instrumento ou à voz, como coordenação motora, técnica de execução e percepção auditiva, é imperativo. Estas competências são cultivadas através de um processo de aprendizado contínuo que envolve prática assídua, repetição e aprofundamento no conhecimento analítico da música.

Além disso, o contexto histórico-cultural desempenha um papel crucial na interpretação musical. Toda peça musical reflete o período de sua composição, as características estilísticas da época e a cultura à qual pertence. Músicos cientes desses detalhes buscam captar o ambiente histórico-cultural da obra, visando expressar sua verdadeira essência na performance.

A autorregulação é um importante aspecto do processo de aprendizagem e uma função cognitiva que opera na base de sua ocorrência. Diz respeito aos mecanismos que as pessoas usam para controlar o seu próprio processo de aprendizagem. Implica estabelecer um objetivo ou norma de estudo e controlar o próprio progresso, utilizando estratégias tais como monitoração, elaboração e gerenciamento de esforço. Estas determinam

decisões posteriores sobre continuar ou não alocando tempo para o estudo, bem como mudanças nas estratégias de aprendizagem. Em geral, estudantes podem ser descritos como aprendizes autorregulados devido à ativa participação que têm em seu próprio processo de aprendizagem em termos de metacognição, comportamento e motivação (GALVÃO, 2006, p. 171).

A prática musical, além de ser uma forma artística, implica também um exercício neuronal, promovendo o desenvolvimento cognitivo, a memória e a percepção auditiva. A música adquire uma dimensão analítico-histórico-dialética, demandando a compreensão da estrutura da peça, a relação entre seus segmentos, a decodificação das intenções do compositor e a habilidade de comunicar emoções na execução.

A musicalidade não se limita apenas à técnica; engloba uma visão mais holística que abarca os aspectos biológicos, histórico-culturais e cognitivos. Esta síntese contextual realizada pelo músico favorece uma interpretação mais profunda, transformando a música em um veículo potente de expressão e comunicação. Desta análise, ressalta-se a relevância desses elementos na educação e na moldagem do indivíduo. Estendendo-se além do âmbito escolar tradicional, a música desempenha papel central na comunidade e na esfera da religiosidade, influenciando na emancipação humana.

A música ritual ou religiosa apresenta características que favorecem a formação humana. Afinal, além dos aspectos educacionais, culturais e sociais, o ser humano busca a transcendentalidade em sua essência. Neste sentido, o diálogo da pesquisa histórico-cultural evidencia o papel formativo que a música ritual exerce na dimensão intelectual e cultural do ser; proporciona espaços para expressão individual e coletiva, reflexão espiritual e reafirmação da identidade cultural. Infelizmente, muitos adotam uma visão preconceituosa, relegando-a a uma posição inferior e não reconhecendo seu valor científico. Esquecem-se da profunda ligação entre a evolução musical e os primórdios da ritualidade, negligenciando sua contribuição histórica e social no progresso do conhecimento.

Compreende-se que a música ritual contribui significativamente para o desenvolvimento intelectual e cultural. Funciona como canal para o aprendizado simbólico e metafórico, veiculando conhecimentos mitológicos, históricos e éticos por meio de narrativas sonoras. A interação ativa com a música ritual demanda

aquisição de habilidades específicas e compreensão de estruturas musicais intrincadas, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e musical.

Essa influência é evidente no processo de inculturação que a música ritual impulsiona, reforçando a construção do indivíduo em sua plenitude. A natureza humana intrinsecamente busca a transcendência; ao utilizar a música como veículo expressivo, torna-se mais perceptível o alcance e os princípios que se podem atingir.

Assim, ressaltam-se os benefícios formativos que a música, especificamente a litúrgica, pode trazer em contextos religiosos e cerimoniais, sobretudo em ritos e cultos. Diversas tradições religiosas, como cristianismo, judaísmo, islamismo e hinduísmo, integram a música litúrgica em suas práticas, esta apresenta características singulares, variando conforme a tradição religiosa e o contexto cultural. Engloba cânticos, hinos, salmos, orações cantadas, corais, entre outras expressões musicais. Sua finalidade é criar um ambiente de reverência, inspiração e conexão espiritual, envolvendo participantes e ouvintes.

Além de seu caráter sacro, a música litúrgica tem uma função educacional e formativa. Veicula ensinamentos religiosos, históricos e éticos por intermédio de letras e melodias, permitindo a internalização de valores essenciais à fé dos envolvidos. Adicionalmente, facilita a memorização de textos sagrados, potencializando sua compreensão.

Sob a ótica da pedagogia histórico-cultural proposta por Vygotsky, a música litúrgica assume relevância no desenvolvimento do indivíduo, proporcionando uma vivência cultural intensa e incentivando a atuação ativa na esfera religiosa e comunitária. Favorece a elaboração de significados, o amadurecimento da identidade religiosa e a conexão emocional com o divino, influenciando a formação do sujeito no cenário religioso e espiritual.

Para Vygotsky, a enculturação social é crucial no desenvolvimento humano. Mediante a interação ativa com a música litúrgica, os indivíduos se inserem em um universo cultural enriquecedor, que promove aprendizado e aprimoramento de competências. São expostos a padrões melódicos, ritmos, textos sacros e técnicas musicais que impactam sua percepção auditiva, criatividade musical e identidade cultural, equiparando-se a outros contextos formativos. Assim, na pedagogia histórico-cultural de Vygotsky, a música litúrgica configura-se como um instrumento de enculturação social, ofertando oportunidades de aprendizagem, desenvolvimento cultural e construção de sentidos.

Chega-se à conclusão de que a música é essencial na formação e no desenvolvimento humano, devendo estar integrada ao processo de crescimento não apenas como elemento complementar, mas, primordialmente, como componente do cotidiano e da formação natural do indivíduo. A música permeia a realidade social desde os primórdios da humanidade. Desempenhando tal papel, atua como um elemento unificador, evidenciando a expressividade emocional e social, estabelecendo conexões e incentivando, até mesmo em momentos de luta, guerra e resistência. Ademais, a música, em sua funcionalidade, estabelece marcos históricos. Ainda que temporal, ela transcende de forma atemporal, atravessando gerações e eras.

A música materializa sentimentos e experiências internas, que podem, ou não, estar vinculados a um período histórico. Mesmo contextualizada em um cenário histórico-social, é um dos principais vetores de identificação e identidade cultural. Serve, ainda, como meio de interpelação e comunicação em variados contextos e níveis: em rituais sagrados e expressões profanas, no dia a dia de distintas gerações, desde os mais jovens aos mais experientes, em diferentes segmentos socioeconômicos, entre outros fatores.

Assim, a presença da música é crucial no âmbito educacional. Sob a ótica docente, a educação musical favorece o crescimento individual e coletivo. Dentre os diversos benefícios, as celebrações proporcionam o estímulo à criatividade e à percepção sociocultural. Comemorações de momentos, eventos, figuras e pessoas significativas, bem como ocasiões de caráter afetivo, são vitais para as conexões estabelecidas pela música. A instrução musical sistemática contribui, também, para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que a música é composta por símbolos que demandam conhecimento cultural e acúmulo de experiências para sua decodificação, exigindo, assim, o exercício de funções psicológicas avançadas.

Desse ponto de vista, a música não deve ser percebida como um dom, e sim como uma técnica, um instrumento para o desenvolvimento humano tanto afetivo quanto intelectual. Por essa razão, o ensino sistemático de música não deve se limitar apenas à fase escolar, mas estender-se por todas as etapas da vida, incluindo a terceira idade. Essa continuidade pode favorecer o desenvolvimento intelectual e prevenir diversos problemas associados ao avanço da idade.

Fomentar atividades culturais e apoiar projetos e profissionais da música atende a uma demanda e preenche uma significativa lacuna social. Daí a urgência



em ampliar esse acesso. No entanto, a longo prazo, é fundamental que a sociedade não apenas incentive projetos pontuais, mas também desenvolva programas que integrem a música como componente vital da cultura e formação humanas. Há a necessidade de criar um ambiente de aprendizagem enriquecedor, um ecossistema musical onde o ensino e o acesso à música estejam presentes em todas as instituições sociais frequentadas pelo indivíduo, começando pela família, passando pela escola e alcançando espaços como igrejas e instituições religiosas.

Afinal, ensinar música favorece o desenvolvimento do senso crítico, promovendo o autoconhecimento e aprimorando habilidades laborais, contribuindo para a emancipação do indivíduo. A música instiga uma reflexão profunda sobre a existência. Logo, mais do que uma simples disciplina curricular, o ensino musical é crucial para a formação da sociedade e, por isso, deve estar acessível em todas as esferas sociais.

Tecnicamente, um músico deve dominar competências específicas relativas ao instrumento ou à voz, tais como coordenação motora, técnicas de execução e percepção auditiva, sem desconsiderar os aspectos socioculturais e emocionais abordados anteriormente. Tais competências são cultivadas ao longo de um aprendizado contínuo, que envolve prática constante, repetição e aquisição de conhecimento analítico musical. Estas não são habilidades adquiridas em um único período letivo. Assim, torna-se essencial expandir tal conhecimento e desenvolvimento à sociedade como um todo.

Apenas ao naturalizar o ensino musical em todas as instituições sociais, integrando-o ao cotidiano, será possível avançar no desenvolvimento humano e na humanização desse processo.

## 4 MÚSICA E AÇÃO DOCENTE

Defende-se, assim, que a música serve como uma ferramenta valiosa para os educadores no processo de aprendizado dos alunos. Ela apresenta características que complementam a construção pedagógica do ensino. Portanto, reconhece-se que a participação musical é essencial, inclusive na formação de educadores. É crucial que seja discutida nas instituições de ensino superior e valorizada como um instrumento que contribui para a emancipação humana. Acredita-se que a exploração dessa ferramenta está apenas em seu início, e há muito a se construir e desenvolver à luz da perspectiva histórico-cultural.

Tanto na catarse quanto na estética, percebe-se historicamente o impacto da música no ser humano. Ela facilita um contato mais sensível com o mundo, aprimorando sua relação com a natureza e seu entorno. A educação artístico-musical possui um potencial equiparável ao de outras ciências, auxiliando no aprendizado humano com grande expressividade; a música transcende a simples categoria de disciplina, tornando-se uma parte integral e fundamental na formação da sociedade.

Com a relevância da música para a humanização, bem como sua constituição histórica e social, destaca-se sua indispensável presença no ambiente escolar, pois, a música oferece inúmeras possibilidades para apropriação da cultura elaborada, fomento da percepção, atenção, comunicação e outras funções cognitivas essenciais ao desenvolvimento dos indivíduos.

Dentro do panorama explicitado, emerge a importância da ação docente, alicerçada na diversidade de temas culturais, inaugurando uma visão genuinamente humanista. Inúmeros desafios se apresentam nesse contexto. Analisar tais aspectos é crucial para consolidar e adaptar a música como uma ferramenta educacional, principalmente considerando sua potencialidade interdisciplinar.

Um exemplo notável da capacidade de a música permear outras disciplinas refere-se à celebração de datas como o Dia do Índio, Dia dos Pais, Mães, Pátria e Aluno. Na educação infantil, esses temas são particularmente relevantes para a interdisciplinaridade, pois incentivam o estímulo da criatividade compositora e a percepção.

Sob essa perspectiva, abre-se um vasto campo de possibilidades para o desenvolvimento humano. Não se foca apenas em uma abordagem profissional,

mas também em aspectos ligados à dimensão histórico-cultural. Nos tempos contemporâneos, permitir que o indivíduo desenvolva suas habilidades através da versatilidade da música proporciona uma cultura mais enraizada na identidade pessoal, em detrimento de técnicas isoladas que não contribuem para o crescimento integral do ser.

Relações entre educação musical e cultura discutem a complexidade da diversidade musical brasileira que tem sido amplamente analisada por estudiosos da etnomusicologia, da antropologia e demais áreas que se dedicam ao estudo da música e suas relações com o homem e o seu contexto cultural. O ensino de música é elemento determinado e determinante para uma cultura dentro do processo educativo. Há aproximações e apropriações da educação musical com a etnomusicologia no sentido de tornar a sua práxis contextualizada e significativa, com os diferentes mundos musicais com confronto e interação dentro das escolas, específicas ou não, que se destinam ao ensino de música (SANTOS, 2020, p. 33).

O estudo da música como elemento unificador pode englobar a sociedade de inúmeras maneiras. Para isso, é essencial compreender sua trajetória histórica e sua manifestação como expressão da cultura local, regional e nacional. Esses elementos de expressividade contribuem para o enriquecimento do aluno em uma perspectiva integradora. Em uma nação vasta e diversificada como o Brasil, composta por várias etnias e culturas, a música tem muito a oferecer na formação do indivíduo.

Importante considerar, na concepção de Santos (2020) que a educação musical precisa ter processos de ensino-aprendizagem que objetivem a formação musical do homem, contemplando as diferentes abordagens educacionais, adequando e compreendendo que existem diferentes mundos musicais dentro de uma cultura, com suas características peculiares e significações.

Nesse contexto, a integração da música ao ensino, aliada aos elementos práticos e cotidianos – como aqueles oriundos "do chão da fábrica" –, possibilita um diálogo enriquecedor sobre disciplinas que também contribuem para o crescimento. A música, assim, nos confere um olhar mais aguçado para a compreensão nas dimensões educacionais, culturais e pessoais, as quais são refletidas nas experiências cotidianas dentro e fora do ambiente escolar. Nesse contexto,

A música é um elemento da cultura e está presente em todo mundo sob diversos aspectos, revelando-se uma expressividade comum às formações sociais ao longo dos anos. Presente nos rituais sagrados e manifestações profanas; parte cotidiana de gerações diversas, desde os mais novos aos mais velhos, atravessa nichos socioeconômicos, mesmo com profunda desigualdade social no mundo. A música é carregada por funções que

podem contribuir/interferir na expressão emocional, no prazer estético, no divertimento, no entretenimento, na função de representação simbólica, de reação física, de conformidade com as normas sociais, na validações sociais e rituais religiosos, na contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, e na integração da sociedade. Logo, música é cultura e cultura é formada também por manifestações musicais (SANTOS, 2020, p. 26).

Ao considerar a contribuição significativa da música em seu caráter libertador, é imprescindível focar as formas de poder engendradas: aquelas que são resistentes, tecnicistas e que muitas vezes suprimem a criatividade nas áreas de humanas. Dessa forma, entende-se por que, muitas vezes, a Arte e a dimensão estética não se consolidam como pilares fundamentais no ensino brasileiro, particularmente nas escolas públicas.

O ensino de arte e música em instituições educacionais visa à humanização do indivíduo, favorecendo seu autoconhecimento e contribuindo para a emancipação da sociedade. Ambas possuem a capacidade de interpretar a vida e conferir clareza a diversas questões que demandam reflexão e elaboração mais profundas. Por isso, torna-se crucial que esses campos do conhecimento sejam valorizados, não apenas para a compreensão intrínseca, mas também para um engajamento mais profundo na história.

Tal perspectiva reforça a necessidade de uma educação que priorize a arte e a música. Deve-se conceber um currículo que integre esses elementos, garantindo-lhes espaço na estrutura pedagógica. No entanto, apesar dos reiterados discursos sobre sua importância, o cenário atual frequentemente demonstra um distanciamento e desvalorização dessas áreas, o que, em alguns casos, resulta na diminuição da carga horária ou até na sua exclusão do currículo das instituições.

Reconhecer a arte e a música como ferramentas essenciais para o aperfeiçoamento do conhecimento permite que os estudantes desenvolvam habilidades mais participativas e sensíveis às realidades em que estão inseridos. Tais habilidades os capacitam a intervir na sociedade e a propor transformações em suas vivências. Assim, promover e debater a relevância da integração dessas áreas do saber no aprimoramento educacional é fundamental, como salienta, Oliveira (2009, p. 41):

As chamadas humanidades englobam, não só o ensino de filosofia, mas também a arte e a educação estética. Como a escola é o local onde o cidadão vai receber uma instrução que priorize os conteúdos das humanidades, fica clara a necessidade do ensino de arte já que esta é uma

forma de produção humana e que, através do desenvolvimento de processos criativos, é capaz de auxiliar a formação de um sentimento patrióticos, além da expressão, através das mãos do artista, do sentimento de toda uma sociedade.

A relevância da música no contexto social, visando à emancipação do indivíduo, foi claramente abordada. No entanto, nota-se que sua presença se mantém majoritariamente restrita a conservatórios e escolas particulares. Estas instituições, cientes do papel transformador da música na formação humana, muitas vezes a direcionam a um público seletivo com maior poder aquisitivo, restringindo-a a uma elite. Em contrapartida, quando estudantes de escolas menos privilegiadas buscam se engajar nesse universo, deparam-se com inúmeros obstáculos, desde questões financeiras até o nível de conhecimento exigido para ingressar em universidades. Essas barreiras muitas vezes tornam o acesso ou a permanência em cursos de música quase impraticáveis. Ademais, a ausência dessa disciplina nos currículos escolares gera preconceitos e desvaloriza profissionais no mercado de trabalho, relegando a música, em muitos casos, a uma atividade secundária e não como fonte principal de renda.

Segundo Martins (2012, p. 12), as contradições enfrentadas pela escola refletem os desafios de uma sociedade de classes, onde aspectos ligados à cultura burguesa influenciam a pedagogia. Esta influência evidencia a desvalorização do ensino de conceitos científicos, incluindo a música e a arte, servindo para "obnubilar a consciência dos indivíduos, mantendo-os reféns das aparências dos fenômenos, da empiria e das circunstâncias efêmeras sensorialmente percebidas".

Ao longo do texto, enfatizou-se que a música evolui em conjunto com o ser humano, auxiliando-o em seu processo de humanização. A música não é um elemento isolado, mas faz parte da essência humana, sendo manifestada não apenas no silêncio, mas também no burburinho de sílabas, no ruído dos encontros e na atenção voltada à escuta, abrindo caminho para transformações.

Considerando a música e estética na sala de aula, o primeiro aspecto a ser examinado é o modo de ensinar utilizado pelo professor, pois é evidente que ele desempenha um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem, sendo o principal fator nesse processo. Conforme Vygotsky (2001a), é função da escola promover no aluno novos níveis de desenvolvimento. A aprendizagem que não se adianta ao desenvolvimento, empurrando-o para frente, está se apoiando em

funções prontas; portanto, não se justifica. O processo de ensino e aprendizagem precisa visar as funções que ainda estão em vias de se completarem. Não se trata de ampliar o pensamento em qualquer perspectiva, mas no caso desta pesquisa, na perspectiva da estética, principalmente quando se trata de inserir a música no processo de ensino (SILVA, 2020).

Vygotsky (2000) postula que o bom ensino deve se adiantar ao que o aluno já sabe. Ao ampliar o conhecimento que o aluno traz, induzir o questionamento, propor situações problemas e explicitar relações, o professor atinge a zona de desenvolvimento proximal e, desse modo, promove as funções intelectivas do aluno. Contudo, as aulas analisadas evidenciam que se trabalha a música de forma resumida: não se conversa sobre os conhecimentos prévios. Elementos técnicos são destacados, mas os elementos estéticos não aparecem. As aulas são limitadas, e não se possibilita extrair algo do sentimento ou das emoções. O aluno é privado do estabelecimento de novas relações, de elementos que lhe permitam formas de pensamento e sentimento estético (SILVA, 2020).

Vygotsky (2001b) assegura que, na interação com a arte, produzimos, de forma sensível, diferentes modos de compreender a realidade social e de nos relacionarmos com o mundo e com os outros. Camargo e Bulgacov (2008) reiteram que a estética alude à expressão, à flexibilidade, à sutileza e à diversidade de formas e de vivências. No cotidiano da escola, a estética refere-se às múltiplas possibilidades e expressões que emergem nas interações entre as pessoas, o mundo e o conhecimento (PEREIRA; BRITO, 2023).

Assim, é necessário levar em consideração que, crianças próximas à idade pré-escolar, passam a se interessar pelas ações coletivas e pelas brincadeiras com regras, que envolvem planificações (MARTINS, 2007). O trabalho musical pode se valer dos jogos coletivos, com regras adequadas às possibilidades das crianças. Ricas experiências e a entrada na escola contribuem para novas possibilidades desenvolvimentistas. Os resultados dos jogos passam a ter mais importância para as crianças maiores que, além das regras, se envolvem com “uma espécie de atividade pré-estética”, querendo aprimorar as suas atuações nos jogos (LEONTIEV, 1998, p. 141).

Nesse sentido, o problema do recorte foi levantado por Gonçalves e Pederiva (2020) em sua discussão sobre a noção, baseada na Psicologia Histórico-Cultural, de que a música faz parte da educação estética. Segundo os autores, a música

como linguagem pode ser entendida como sinais musicais grafados que permitem aos músicos dominar os símbolos gráficos escritos nas partituras. "De fato, a música letrada, ao usar a palavra, direciona o significado do som e pode até enfraquecer o sentido altamente subjetivo de uma obra musical" (GONÇALVES, 2022, p. 35).

É por isso que, apesar de sua ampla margem interpretativa, a noção de música como linguagem é adotada com propósito, visando estabelecer relações com a teoria vigotskiana, mencionada anteriormente, de que a imaginação e a linguagem compartilham fortes laços de dependência. Se, conforme Vigotski, a linguagem influencia no desenvolvimento da função psicológica imaginativa, é plausível acreditar que existem conexões íntimas entre o processo criativo musical e a apropriação de elementos da linguagem musical (ROCHA, 2017).

Assim, à medida em que o indivíduo domina os mecanismos que materializam a linguagem musical desenvolvida historicamente, expande não apenas seu acervo de significados, mas também, através da apropriação desses mecanismos, consegue manifestar esteticamente o fruto de sua imaginação, concretizando sua arte. O conhecimento concreto do universo musical, proporcionado ao indivíduo, transforma-se em novas formas de conhecimento objetivo com o auxílio de sua vivência e educação. O que viabiliza este processo é a capacidade de materializar ideias através da apropriação de domínios técnicos, permitindo a compreensão social de novos conceitos. Isso é evidenciado ao observarmos as novas formas de notação musical surgidas recentemente.

Nesse aspecto, a música pode ser essencial para enriquecer o processo de aprendizagem como uma ferramenta pedagógica, e isso é observado como parte das mais variadas culturas e contextos históricos, exerce profunda influência em nossa formação. No contexto educacional, seu papel é fundamental não apenas como manifestação artística, mas também como um poderoso instrumento pedagógico, capaz de ampliar e potencializar o processo de aprendizagem; assim, pode ser considerada uma ferramenta educacional. Contudo, é crucial destacar que o objetivo de a incluir nas aulas não é formar músicos, mas sim utilizar-se dela como suporte pedagógico, objetivando auxiliar na construção do conhecimento (GALDINO, 2015).

A música é uma linguagem que se traduz em sons capazes de expressar e comunicar emoções, sensações e pensamentos através da organização e interação entre som e silêncio. Está presente em todas as culturas e em diversos contextos:

festas, celebrações religiosas, manifestações cívicas, protestos políticos, entre outros. Historicamente, tem sido parte integrante da educação, sendo que, na Grécia antiga, era considerada essencial para a formação dos cidadãos, ao lado da matemática e filosofia. A música ensina a criança a escutar e refletir sobre o ouvido, promovendo bem-estar, aprimorando a concentração, memória e raciocínio.

O papel da música na sala de aula não se limita à experiência prazerosa, mas também à sua capacidade como poderosa ferramenta de aprendizagem, apoiando todas as atividades escolares e aprimorando o conhecimento dos alunos sobre música, visto que a música é um bem cultural para todos (SOARES; RUBIO, 2012, p. 1). No entanto, para os autores, é vital ressaltar a importância da música como fonte de estímulo, equilíbrio e bem-estar, beneficiando o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas.

Na perspectiva de Vygotsky (1989), a aprendizagem é um processo no qual se adquire conhecimento pelo contato com o meio em que se está inserido. A música pode potencializar o processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo, já que auxilia na concentração e percepção. Por isso, apesar de várias discussões sobre o uso da música no processo educacional, principalmente no contexto da educação infantil, é importante considerar as inúmeras vantagens que ela proporciona para o desenvolvimento do ser humano, conforme defendido por diversos autores (GALDINO, 2015).

A música representa uma expressão privilegiada para as crianças, impactando diretamente suas sensibilidades sensoriais e afetivas, auxiliando no desenvolvimento de sua personalidade. Além disso, atua como catalisador para despertar habilidades criativas e afetivas. Integrada ao processo educacional, contribui na formação de habilidades, autodisciplina, coordenação e sensibilidade. Notadamente, é relevante na construção de relações interpessoais, pois atividades musicais, em geral, são coletivas, facilitando o contato com os outros e promovendo solidariedade e cooperação entre colegas, o que contribui significativamente para a autoestima da criança.

Acrescenta-se que a metodologia utilizada precisa levar em conta os documentos que norteiam a educação, como também o arcabouço epistemológico que vem sendo construído ao longo da história do ensino da música nas escolas. As pesquisas no campo da educação infantil têm sido de grande importância na formação de professores de música, principalmente por representar um campo



profissional promissor para os estudantes de licenciatura. Contudo, é fundamental entender que um dos maiores desafios da formação docente acontece no processo de práticas e vivências, consolidando-se de forma contínua em seu processo formativo (SILVA, 2021).

Portanto, no contexto escolar, propiciar a emancipação do estudante o torna mais receptivo ao diálogo e apto a fomentar uma cultura libertadora, deixando-o mais sensível, adquirindo uma percepção e consciência de um mundo voltado ao humanismo, capacitando-o a interagir harmoniosamente com outros indivíduos. Afinal, o que se busca é essa dimensão compreensiva que auxilia na formação pessoal e nas experiências emancipatórias, visando uma sociedade mais justa e equânime.

#### 4.1 A MÚSICA NO ESPAÇO EDUCACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANIZADO

A música e o trabalho com a educação musical pode não só enriquecer a experiência pedagógica, mas também criar um ambiente de aprendizagem que seja atraente e envolvente para os alunos.

A forma como as aulas de educação musical funciona também parece influenciar o processo de ensino/aprendizagem. A eficácia de uma aula que incorpora música é demonstrada quando o professor está ciente das necessidades dos alunos e pode proporcionar experiências de aprendizagem positivas e benéficas, estabelecendo um ambiente seguro e confortável. Cada pessoa tem uma incrível capacidade de aprender e, através da música, os professores podem auxiliá-las, criando um ambiente de aprendizagem dinâmico, interativo e envolvente. Estar atento ao aluno, compreender sua personalidade e preferências musicais deve fazer parte do processo de ensino. É importante incorporar ao ambiente escolar aspectos com os quais os alunos já estão familiarizados. Dessa forma, os professores podem envolver mais os alunos e, quando necessário, introduzir novas informações (COSTA, 2021).

Além disso, Chinaglia e Paula (2022) destacam que, na música, o aprendizado coletivo é de suma importância, pois os participantes trazem uma variedade de experiências e conhecimentos, previamente adquiridos ou construídos, e colaboram para criar um conhecimento compartilhado. O desenvolvimento de forma colaborativa requer estar aberto a novos conhecimentos que outros podem

oferecer e estar disposto a compartilhar o que se sabe. Assim, os objetivos pessoais se alinham aos objetivos coletivos.

Nesse segmento, observou-se a importância da música na criação de um ambiente educacional propício à aprendizagem. Quando bem utilizada e aliada a uma didática inclusiva, facilita um ensino lúdico, interativo e criativo. Destaca-se a relevância do educador em compreender e adaptar-se às necessidades dos alunos, bem como a importância da aprendizagem colaborativa e a adequação pedagógica para cultivar a motivação interna dos alunos. A música tende a influenciar a percepção, atenção e retenção dos conhecimentos pelos alunos, pois enquanto ferramenta pedagógica, age nas diversas funções cognitivas, desempenhando assim um papel vital no desenvolvimento integral dos estudantes. Compreender como a música afeta a percepção, a atenção e a retenção é essencial para maximizar seu impacto educacional.

É sabido que a primeira experiência em um processo de educação para a música baseia-se na percepção. Essas vivências fundamentam as teorias da música quanto à escrita, performance, interpretação e criação de harmonia e melodia. Segundo Vigotski, a percepção desenvolve-se em conexão estreita com outros processos psicológicos, como memória, pensamento e linguagem. Conforme estudos sobre a percepção do mundo sonoro, tais processos psicológicos são refletidos no modo de vida de cada pessoa. As práticas auditivas às quais são rotineiramente expostas ao longo da vida desempenham papel crucial. Importante ressaltar que o foco aqui não é o juízo de gosto, mas sim as percepções. Nesse processo, busca-se desenvolver, pela percepção, o ritmo em conjunto com a coordenação motora, perceber o elemento sonoro em sua profundidade, as diferentes emissões de som, a localização de timbres, intensidades e outros elementos vitais da música.

Além disso, o professor, em sala de aula, utiliza músicas que refletem o contexto social do aluno, as manifestações culturais, as questões geracionais, desigualdades sociais, violência urbana, o papel da mulher na sociedade, entre outros, conectando essas temáticas ao conteúdo curricular proposto. Quando a letra ou a trajetória do compositor se relaciona ao objeto de estudo, estas se tornam facilitadoras da compreensão e retenção de conceitos, favorecendo uma aprendizagem significativa para os alunos (ALVES, 2023).

Fireman (2018) destaca que a leitura musical promove o desenvolvimento de habilidades específicas e aprofunda o conhecimento musical, gerando uma linguagem que estimula a imaginação, o raciocínio e os discursos musicais. Assim como na linguagem verbal, é fundamental que a criança seja incentivada a explorar os elementos musicais e seus códigos. Embora o momento exato para iniciar o aprendizado da leitura musical não esteja definido, entende-se que ela deve estar presente, mesmo que introduzida após a criança familiarizar-se com os materiais musicais. No contexto do desenvolvimento humano, considera-se que o avanço musical propicia um crescimento pessoal ao tornar os indivíduos mais aptos a trabalhar com elementos sonoros. As evidências mostram que a leitura musical potencializa o desenvolvimento da percepção, memória e audição.

Assim, observou-se a habilidade da música em potencializar funções psíquicas, como a percepção auditiva, memória e concentração. A música não somente enriquece a experiência educacional por meio da percepção, mas também promove uma aprendizagem significativa, sobretudo quando contextualizada socialmente. Ademais, a leitura musical destaca-se como potencializadora de habilidades cognitivas, reiterando a relevância da música enquanto instrumento pedagógico no desenvolvimento integral do indivíduo.

Nesse contexto, é importante compreender a música enquanto cultura no processo educacional, dessa forma a educação musical, portanto, transcende o simples estudo de notas e melodias, estando diretamente vinculada à expressão cultural e identidade do estudante.

Dentro da educação musical, o desenvolvimento acontece através da apropriação da música e pela oportunidade de acesso a ela (PASQUALINI; TSUHAKO, 2016). Assim, o desenvolvimento da percepção auditiva é construído na e pela atividade humana, e é pela categoria de atividade de Leontiev que ocorrem as reorganizações das esferas sensoriais. Nessa perspectiva, as percepções auditivas derivam das experiências e contextos musicais em que são inseridas. Portanto, ser musicalizado, conforme Brito (2003), envolve conhecer os elementos da linguagem musical e usá-la para expressão e comunicação. Pederiva (2017) reforça essa ideia: Não se educa musicalmente com o propósito de que as crianças se tornem profissionais em música no futuro. A educação da musicalidade da criança, o seu desenvolvimento nesse domínio, que é parte de sua expressão e comunicação, é um direito educativo.

Essa formação deve ser pensada e experienciada no presente. Mesmo com um propósito educativo direcionado ao desenvolvimento da musicalidade da criança, os professores devem organizar suas atividades pedagógicas com base nas necessidades atuais de seus alunos. Não importa se, no futuro, eles se tornarão músicos. Essa decisão pertencerá a eles.

Entretanto, conforme Santos (2020), nem sempre é evidente a intersecção entre música e cultura na formação de professores de educação musical. Torna-se essencial refletir sobre quais valores têm sido priorizados nesse processo formativo, crucial para a identidade docente, e como se estabelecem na ampla perspectiva de ensino-aprendizagem em música.

Reconhece-se, assim, a importância da música como meio de expressão e comunicação na educação, reiterando a ideia de que a musicalidade deve ser vivenciada no presente, independentemente das expectativas futuras do aluno. A integração da música à pedagogia é vital para uma aprendizagem significativa, embora persistam desafios na consolidação dessa relação na formação de professores de educação musical, destacando a necessidade de valorizar a confluência entre música e cultura.

Outro ponto importante a ser analisado é a música como uma ferramenta para ensinar e aprender sobre diferentes culturas e tradições, refletindo que a música, enquanto linguagem artística, possui um caráter imaterial que transcende as simples notas e ritmos, imergindo nos campos das tradições e expressões culturais. Compreender a música é também adentrar nas narrativas, rituais e práticas sociais que ela carrega, evidenciando a riqueza e diversidade de culturas e tradições ao longo da história.

Segundo Pelegrini e Funari (2011), a abstração e não abstração da música, torna-se relevante ao se considerar o caráter imaterial desta linguagem artística. O imaterial, geralmente entendido como algo intangível ao toque, mas perceptível, é manifestado nos campos das tradições e expressões orais, nas artes, nas práticas sociais, nos rituais e nas celebrações.

Desde a fase fetal, o ser humano entra em contato com um dos elementos centrais da música, o ritmo. Portanto, o vínculo musical se estende por toda a vida à medida que as pessoas se engajam em práticas sociais e tradições musicais historicamente desenvolvidas pela humanidade. Isso se manifesta em gestos

simples como as palmas das mãos, o assobio, entre outros (SCHERER; DOMINGUES, 2012).

Por exemplo, Nascimento Neto (2017) ilustra que o samba, ao enfrentar desafios presentes em diversas áreas da música brasileira, retornou ao cenário musical, buscando preservar de forma sistemática a cultura tradicional africana e proporcionando uma visão de um passado que representa uma das fases mais notáveis da música. Foi um período no qual os compositores se profissionalizaram. Sob influência do mercado do jazz, o samba se consolida como produto comercial, e novos sambistas surgem, com alguns expressando as angústias sociais do momento, como amor, sofrimento e crítica social.

Embora Villa-Lobos, considerado um dos principais compositores brasileiros de sua época, enfrentasse dificuldades de reconhecimento em seu tempo. A persistente influência da tradição musical europeia deu origem a uma audiência resistente à inovação estética. Estamos falando de uma parcela reduzida da sociedade brasileira que, por questões sociais e econômicas, frequentava as salas de concerto (BORGES, 2018).

A valorização e o respeito pelas diversas culturas são de suma importância. Ao buscar entender os fundamentos dos costumes e tradições de um grupo, começamos a delinear as características dessa cultura. E é a partir desse entendimento que o trabalho musical pode ser desenvolvido de forma mais efetiva (CRISTOVÃO; WEINGARTNER, 2016).

No contexto brasileiro, é fundamental reconhecer o mistério, o segredo, a mandinga, a magia e o saber que não se sabe, como importantes fontes de conhecimento nas tradições orais. Esses elementos ajudaram a moldar muitos aspectos da cultura e da música nacionais. Respeitando suas particularidades, é necessário sistematizá-los, trazendo para o debate acadêmico suas metodologias e conhecimentos, preferencialmente pelas mãos daqueles envolvidos com as práticas e tradições destas músicas. Os especialistas em sambisses, como Mário de Andrade, são frequentemente vistos com desconfiança. Porém, para inseri-los no debate acadêmico, é necessária uma base teórica sólida que permita à música dialogar com o restante do mundo. Como Agawu sugere, mostrando um realismo pragmático, uma transcrição pós-colonial não deve se limitar ao campo discursivo tipicamente 'africano', mas deve participar das principais ligas, no cenário hegemônico, no Norte. A ideia de distinção deve ser substituída pelo

reconhecimento das semelhanças, para que possamos, paradoxalmente, identificar as diferenças (AGAWU, 1995, p. 393).

Portanto, a música permeia nosso entorno e, por vezes, nossa percepção pode falhar em captar sua pureza. A música ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo, carregando expressões culturais e crenças através de gerações, preservando assim tradições (SILVA, 2018).

A essência imaterial da música e sua capacidade de servir como elo vital para transmitir expressões culturais e tradições são evidentes. Por meio de exemplos como o samba e a diáspora africana no Brasil, destaca-se a importância de valorizar e compreender as tradições musicais para uma apreciação mais profunda da cultura. O reconhecimento da música como patrimônio imaterial sublinha seu papel em preservar a memória cultural e promover um entendimento intercultural mais aprofundado.

A partir dessa reflexão é relevante analisar a promoção da diversidade cultural e a inclusão na sala de aula pela música. A música, enquanto instrumento pedagógico, pode atuar como um meio valioso para explorar e valorizar essa diversidade, possibilitando uma compreensão mais profunda e inclusiva das diferentes culturas presentes em nossa sociedade.

As práticas na formação de professores vêm sendo permeadas com uma compreensão mais clara do significado da diversidade cultural em suas trajetórias como estudantes. Recordações de práticas musicais da infância e adolescência, brincadeiras cantadas, experiências musicais em ambientes formais e não formais e os hábitos musicais familiares constituem um repertório significativo que precisa ser resgatado e cultivado. Diferentes culturas manifestam-se nos distintos modos de viver, nas experiências individuais e nos conceitos e valores que as pessoas adotam (CUERVO; MAFFIOLETTI, 2018).

Queiroz (2011) considera a diversidade musical como um elemento social de grande valor para a educação, reconhecendo a ligação entre diversidade musical e cultural e discutindo as conexões entre etnomusicologia e educação musical, visando a incorporação de diversas perspectivas na construção curricular e na formação docente em Música.

A compreensão dos conceitos de musicalidade pelos professores em formação poderia inspirar e auxiliar na elaboração de um currículo focado na diversidade cultural. Isso, por sua vez, pode fortalecer o senso de identificação do

aluno em relação ao currículo acadêmico, refletindo-se nas rotinas diárias da sala de aula. No entanto, nota-se uma escassez de discussão sobre o tema da musicalidade em literaturas dedicadas à formação de professores (pedagogos), mesmo com a musicalidade já integrando os princípios e fundamentos das normas educacionais nacionais (CUERVO; MAFFIOLETTI, 2018). A música tornou-se um elemento curricular obrigatório a partir de 2008 (Lei 11.769), com diretrizes estabelecidas para o ensino de música na educação básica desde 2016 (Resolução CNE/CEB nº 2/2016) (BRASIL, 2016a). A inclusão da música foi reafirmada pela Lei nº 13.278 (BRASIL, 2016b), que além de ratificar essa obrigatoriedade, integra artes visuais, dança e teatro na educação infantil e no ensino fundamental.

Assim, no contexto da formação docente, é essencial reconsiderar o papel da diversidade cultural no ensino de música na educação básica. Para promover o desenvolvimento integral dos indivíduos, é crucial uma compreensão profunda do contexto em que estão inseridos, incentivando a valorização das identidades culturais. Além disso, deve-se fomentar o crescimento de valores éticos e cívicos, cultivando qualidades como autonomia, participação ativa, senso crítico, diálogo mútuo e reconhecimento que se baseia na pluralidade de ideias em consonância com o presente, buscando sempre valorizar a diversidade da cultura musical (BATISTA, 2015).

Deste modo, a promoção da diversidade e inclusão através da música na sala de aula é fundamental para o desenvolvimento de indivíduos com valores éticos, consciência cívica e apreciação da pluralidade cultural. Integrando a música e seu rico legado cultural ao currículo, equipa-se os estudantes com as habilidades necessárias para abraçar a diversidade, cultivando um ambiente educacional mais enriquecido e inclusivo.

Ao refletir sobre a música sob uma ótica humanista, percebe-se sua valiosa contribuição para que os estudantes compreendam a realidade em que estão imersos. Ela propicia que a escola seja percebida não como um ambiente estritamente técnico e profissionalizante, mas como um espaço humanizador e participativo. Esse ambiente colabora com a evolução do indivíduo e o progresso da sociedade, onde limitações e virtudes convergem para uma construção coletiva e harmoniosa.

A formação do educador, ao integrar música, revela uma perspectiva progressista e multidisciplinar da educação, ressaltando a fundamental importância

da música no desenvolvimento integral das crianças. É valoroso refletir que a música, como componente integrante da pedagogia, é cada vez mais reconhecida por sua capacidade de impactar positivamente a formação e atuação de professores. A forma como se percebe e se integra a música nos programas de formação de professores é crucial para incentivar métodos educativos mais holísticos e humanizados.

De acordo com isso, Burnard (2012) afirma que a onipotência do conhecimento na educação musical afeta a forma como os educadores musicais veem a música e, como consequência, isso dificulta a oferta dessas oportunidades aos alunos.

Por isso, é fundamental uma intervenção que permita: o reconhecimento da importância destas atividades no processo de desenvolvimento humano e musical, a reflexão sobre o impacto que a trajetória musical e a formação docente têm na prática pedagógica criativa, o desenvolvimento de uma rede de apoio e construção de saberes entre os docentes, e a vivência prática com o ato de criar musicalmente dentro de um modelo flexível. Isso promove uma nova perspectiva sobre essas atividades e sua aplicação em sala de aula. Quando a sala de aula se transforma em um ambiente seguro, acolhedor e propício, em que as crianças tem espaço para a expressão musical, ela se consolida como um instrumento de humanização e libertação (SILVA, 2021).

A música não serve apenas como um instrumento pedagógico, mas também pode ser um agente de humanização e empoderamento. A compreensão da essência e do papel da música na educação precisa ser revisada nas universidades para promover uma abordagem mais reflexiva e transformadora em sala de aula.

Nesse contexto, Magalhães (2020) explica que a música está entre os gêneros de texto mais familiares aos alunos e, portanto, é um gênero apropriado para ser introduzido em sala de aula com mais frequência, pois é acessível e auxilia na compreensão dos conteúdos. No entanto, é importante utilizá-la com objetivos específicos para garantir que o desenvolvimento e a aprendizagem sejam relevantes.

Por ser um gênero textual, difere de outros tipos normalmente usados para ilustrar aspectos da linguagem, como histórias em quadrinhos, por exemplo. A música oferece certas vantagens, como proporcionar uma abordagem interdisciplinar, promovendo a interação e integração entre os alunos.



A utilização da música em sala de aula como ferramenta pedagógica ajuda a criar um ambiente descontraído, diminuindo o estresse. Seu uso pode permitir que os alunos aprendam sobre as origens da música brasileira, a história de seus antepassados e outros aspectos relevantes (MAGALHÃES, 2020).

No estudo realizado por Costa (2021), verificou-se que a música poderia ser utilizada como uma ferramenta de ensino em sala de aula, visando proporcionar momentos de diversão, interação e compreensão cultural, além da utilização dos diversos métodos que ela oferece para facilitar a aprendizagem de uma variedade de conteúdos. Através do uso de músicas, paródias, batidas e outros aspectos da música, os professores criam uma atmosfera agradável e envolvente que ajuda os alunos a compreender o material.

O objetivo é facilitar o trabalho do professor, bem como o processo de mediação de conteúdos, focando nas particularidades de cada aula; é fundamental criar formas de facilitar a conexão entre formação, educação e práticas culturais, para que os conhecimentos prévios dos alunos possam ser acessados e, assim, o processo de significação e ressignificação possa ser realizado, gerando sentido na aprendizagem (ALVES, 2023).

Além desses aspectos, Bodart (2021) ressalta a necessidade do uso de instrumentos musicais nas salas de aula para observar a variação estética da música, que interage com diversos membros do público e desencadeia uma variedade de experiências e estímulos. O objetivo é determinar quais tipos de música estão presentes no repertório dos alunos, a fim de atender aos objetivos educacionais e de aprendizagem.

Com as informações apresentadas, fica claro que a música vai além de sua função tradicional de entretenimento e torna-se uma ferramenta didática valiosa no contexto educacional. A complexidade reside na habilidade dos educadores em integrar essa ferramenta em suas práticas pedagógicas, reconhecendo seu vasto potencial emancipatório e cultural.

## 5 CONCLUSÃO

A proposta desta incursão teórica foi objetivo geral compreender a música enquanto elemento histórico, cultural e estético a fim de contribuir com a formação, ação docente e emancipação humana na Educação Escolar. Com essa finalidade se busca promover o desenvolvimento integral dos indivíduos, entendendo a música em suas tensões, proposições e possibilidades de emancipação, considerando que tanto a forma como o conteúdo, quanto a essência e a aparência são categorias dialéticas intrínsecas à condição social do homem. A música, portanto, é a expressão pura de uma linguagem que se se concebe com sons que expressa e comunicam, sentimentos, emoções, sensações e reflexões entre som e silêncio. Está presente em todas as culturas e em diversos contextos.

Mesmo a música acontecendo em tempo real, toda letra e melodia traz referências da cultura de um compositor, portanto, a história de uma música pode ser a própria evolução do homem.

O intuito foi analisar a trajetória da música, ao longo da história, não como um caminho reto e previsível, mas como um arranjo complexo e multifacetado, entrelaçando-se intrinsecamente com a evolução social e cultural da humanidade. Este entrelaçamento não apenas reflete, mas também demonstra as transformações nas sociedades, agindo como um espelho e um motor de mudanças no contexto da arte. Assim, é mister considerar com o estudo que música, não é apenas um produto cultural passivo, mas um fator essencial de participação na moldagem e expressão da identidade e valores humanos.

Foi demonstrado que em cada era musical, desde os homens das “cavernas por assim dizer” até os ritmos contemporâneos, esse aspecto da arte carrega consigo as marcas de sua época, falando profundamente sobre as esperanças, lutas e realizações da sociedade que a produziu. Estes fatores que a música possibilita, são considerados como reflexos das condições sociais e políticas, em que se destaca a sua importância como uma forma de documentação histórica, uma cápsula do tempo que preserva as emoções e pensamentos de uma época.

Além de sua função como registro histórico, a música também desempenha um papel crucial no desenvolvimento individual. Ela tem o poder de educar, inspirar e curar, atuando como uma ponte que conecta o intelecto ao emocional, o individual ao coletivo. Por intermédio da música, as pessoas podem explorar a complexidade de

suas emoções e experiências, encontrando conforto, solidariedade e compreensão em meio às suas melodias e letras.

Por assim dizer, a música é muito mais do que uma sequência de notas e ritmos; ela é um fenômeno social e histórico dinâmico que proporciona mudanças na jornada da vida humana. Se pensamos na ausência da linearidade pode ser considerada é um testemunho da complexidade e riqueza da experiência humana, mostrando que, por meio da arte, podemos entender melhor não apenas o mundo a nosso redor, mas também a nós mesmos. A música, portanto, não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma ferramenta para o desenvolvimento e enriquecimento.

No aspecto estético tem-se o entendimento do abstrato e o concreto, do apreender e do foco no conhecimento; uma possibilidade transformadora, caminho para a liberdade que leva à emancipação humana.

Nas abordagens reforçou-se que ao longo dos anos, a música sofreu diversas transformações relevantes e determinantes para o seu desenvolvimento, enquanto uma das artes mais inclusiva da humanidade, e tanto na catarse quanto na estética, percebe-se historicamente o impacto da música no ser humano, que facilita um contato mais sensível com o mundo, aprimorando sua relação com a natureza e seu entorno.

Na concepção de autores explicitados no texto, a educação artístico-musical possui um potencial equiparável ao de outras ciências, auxiliando no aprendizado humano com grande expressividade; a música transcende a simples categoria de disciplina, tornando-se uma parte integral e fundamental na formação da sociedade. Assim, a aprendizagem proporciona o conhecimento através do contato com o meio em que se está inserido, e a música pode potencializar esse processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo, já que auxilia na concentração e percepção.

Nesse entendimento, com a relevância da música para a humanização, bem como sua constituição histórica e social, destaca-se sua indispensável presença no ambiente escolar, pois, a música oferece inúmeras possibilidades para apropriação da cultura elaborada, fomento da percepção, atenção, comunicação e outras funções cognitivas essenciais ao desenvolvimento dos indivíduos.

Defende-se, dessa forma, que a música também serve como uma ferramenta valiosa para os educadores no processo de aprendizado dos alunos. Ela apresenta

características que complementam a construção pedagógica do ensino. Portanto, reconhece-se que a participação musical é essencial, inclusive na formação de educadores, sendo essencial que seja discutida nas instituições de ensino e valorizada como um instrumento que contribui para a emancipação humana.

Assim, salienta-se que o contexto fundamentado no decorrer deste trabalho evidenciou que a música, a partir do seu estudo já no ambiente escolar pode sim, influenciar a emancipação humana, contribuindo para que o indivíduo se desenvolva plenamente e tenha condições de refletir e tecer críticas autônomas e conscientes sobre a arte musical e o meio em que ela se coloca, para transformação do pensamento.

Portanto, não coube trazer fundamentos conclusivos sobre o tema em questão, tamanha a relevância e as possibilidades que ele proporciona, por meio da ação docente, utilizando a música enquanto elemento histórico, cultural e estético na formação e emancipação humana, a partir da exploração dessa ferramenta no ambiente educacional, mesmo que ainda se tenha um caminho longo a se produzir e desenvolver. Neste sentido, recomenda-se estudos mais efetivos e ampliados, com pesquisas voltadas à prática educacional se utilizando da música enquanto meio de transformação do ser

## REFERÊNCIAS

- ALALEONA, Domingos. **História da música**: desde a antiguidade até nossos dias. São Paulo: Ricordi, 1978.
- ALVES, A. V. de M. **Aprendizagem significativa em ciências sociais**: música como instrumento de aprendizagem com significado no Ensino Médio. 2023. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí, 2023.
- AMARAL, K. F. do. **Pesquisa em Música e Educação**. Loyola, São Paulo. 1991.
- BARROCO, S. M. S. & SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, 22-31, 2014.
- BATISTA, L. M. Diversidade cultural e ensino de música na educação Básica: Ampliando conhecimento e saberes na formação continuada de Professores. **Anais... XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**. Natal: ABEM, 5-9 out. 2015, p. 1-11.
- BENNETT, R. **Uma Breve História da Música**. (Trad. Maria Tereza Resende Costa). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- BODART, C. **Charles Wright Mills**: criador do conceito de imaginação sociológica. 2021. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BORGES, R. **Ensino de música na escola**: tendências pedagógicas e a necessidade da educação musical para o desenvolvimento humano. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Univ.Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei Federal de nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1, p. 1, 3 maio, 2016b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 10 de maio de 2016. Define Diretrizes nacionais para operacionalização do ensino de Música na Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Secretaria Executiva, Câmara de Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção, 1, p. 42, 11 maio 2016a.
- BRITO, T. A. de. **Música e educação**: alianças sensíveis. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BURNARD, P. Rethinking ‘musical creativity’ and the notion of multiple creativities in music. In: ODENA, Oscar (ed.). **Musical creativity**: Insights from Music Education Research. studies psychology of music. Ashgate, Burlington, VT, USA, 2012, p. 5-27.
- CANDÉ, R. de. **História Universal da Música**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHINAGLIA, A. P.; PAULA, E. M. T. de. Aprendizagem Colaborativa no Ensino Superior: Revisão de Literatura e análise de uma prática musical colaborativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. 1-18, 2022.

COSTA, A. R. F. **A música como ferramenta pedagógica na sala de aula**: um olhar para a educação básica e a educação matemática. 2021. Monografia (Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza) – Inst. Fed. Goiano, Goiás, 2021.

CRISTOVÃO, A.; WEINGÄRTNER, D. A composição musical como ferramenta pedagógica: Relatos sobre a prática de Estágio. **Anais... XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. Belo Horizonte: ANPPOM, 22-26 ago. 2016, p. 1-7.

CUERVO, L. da C.; MAFFIOLETTI, L. de A. Compreensões sobre musicalidade nos cursos de Pedagogia e Música: Pistas para diversidade cultural no currículo. **Revista Educação Unisinos**, Vale do Rio dos Sinos, v. 22, n. 1, p. 1-18, 218.

DUARTE, N. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios para a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP. Autores Associados, 2010.

FIREMAN, M. Aspectos da leitura musical para desenvolvimento humano. In: SANTIAGO, Diana (org.). **Prática musical, memória e linguagem**. Série Parallaxe 4. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 87-123.

GALDINO, V. T. A música como ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 2, p. 258-267, jun./jul. 2015.

GALVÃO, A. **Cognição, Emoção e Expertise Musical**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. v. 22, n. 2, p. 169-174, maio./ago., 2006.

GONÇALVES, A. C. A. B. “Precisamos do nome próprio da arte”. In: SOUZA, Alisson da Silva (org.) **O desenho livre e a arte na Educação infantil sob o olhar da Teoria Histórico-Cultural**. Curitiba: CRV, 2022.

GONÇALVES, A. C. A. B.; PEDERIVA, P. L. M. Música é uma linguagem(?): Ser ou não ser? Eis a questão... In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa; ABREU, Fabrício Santos Dias de (orgs.). **Educação Estética: A arte como atividade educativa**. Cap. 13. São Carlos: Pedro & João editores, 2020, p. 225-242.

HERMANN, N. **Ética & educação**: outra sensibilidade. Autêntica, 2014.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (orgs.) **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1998, p. 119-142.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino da música na escola fundamental**. São Paulo: Papyrus, 2003.

MAGALHÃES, N. M. **A letra de música como instrumento para o ensino da variação linguística**. 2020. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2020.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARTINS, L.M.; CARVALHO, B. A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 699-710, 2016.

MARTINS, L. M. Contribuições da Pedagogia Histórico Cultural para a Pedagogia Histórico- Crítica. In: **Anais...** VII Colóquio Internacional Marx e Engels, IFCH-UNICAMP, 2012.

MARTINS, L. M.; CARVALHO, B. Atividade humana como afeto-cognitiva: um enfoque histórico-Cultural. **Rev. Psicologia em ação**. Maringá, 2016.

MONTANARI, V. **História da música**: da idade da pedra à idade do rock. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

NASCIMENTO NETO, P. L. do. O samba na sala de aula: ensinando história através da música popular brasileira. **Revista Escritas**, v. 9, n. 2, p. 111-130, 2017.

NASCIMENTO, J. P.; NASCIMENTO, M. G. da S. **História da música da antiguidade ao Barroco**. São Paulo: Claretiano, 2016.

OLIVEIRA, P. L. L. M. G. **Metodologias em Educação musical para a escola**. Novas edições Acadêmicas, 2009.

PAGANO, L. **A música e sua história**. 2. ed. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1968.

PASQUALINI, J. C.; TSUHAKO, Y. N. (orgs.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016.

PEDERIVA, P. L. M. & TRISTÃO, R. M. Música e Cognição. **Rev. Ciências & Cognição**. v. 9, ano 3, 2006. Disponível em: <https://www.cienciasecognicao.org/revista/view/601>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PEDERIVA, P. L. M. **Práticas educativas para o desenvolvimento da musicalidade das crianças na educação infantil**. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral. Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores. Curitiba: CRV, 2017, p.165-172.

PELEGRINI, S. C. A; FUNARI, P. P. O que é patrimônio cultural Imaterial? **Coleção Primeiros Passos**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

PEREIRA, E. S. B.; BRITO, A. E. Prática docente e afetividade no curso de música: experiências estéticas e sensíveis. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, v.12, n.1, p. 1-14, 2023.

PERRUCCI, G. **Música sempre música**. Rio de Janeiro: Juerp, 1982.

QUEIROZ, L. R. S. Diversidade musical e ensino de música. In: BRASIL. Textos complementares à série Educação Musical Escolar com veiculação no programa Salto para o futuro – **TV Escola**. Brasília, DF: MEC, 2011.

REALE, G. **História da filosofia**. v. 1 (trad. Ivo Storniolo). São Paulo: Paulus, 2003.

ROCHA, R. B. **O desenvolvimento da criação musical à luz da psicologia histórico-cultural**: contribuições para a educação musical. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SACCOMANI, M. C. da S. **A criatividade na arte e na educação escolar**: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de George Lukács e Lev Vigotski. Campinas, SP: Autores associados, 2016.

SANTOS, M. C. dos. **Educação musical e currículo**: diversidade cultural na formação docente em música. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

SCHERER, C. de A.; DOMINGUES, A. Música e desenvolvimento infantil: Reflexões sobre a formação do professor. **Anais... IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Caxias do Sul: ANPED, 2012, p. 1-15.

SILVA, G. dos S. da. **A música como ferramenta pedagógica na educação infantil**. 2018. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Univ.Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

SILVA, R. T. M. da. **Experiência estética e o ensino de música**: um estudo de caso da prática docente de um professor de uma escola pública do ensino fundamental no município de Maringá-PR. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SILVA, T. D. da. Música, brincadeiras, educação infantil e BNCC. **Rev. Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 6, p. 1-19, out./dez. 2021.

SOARES, M. A.; RUBIO, J. de A. S. A utilização da música no processo de alfabetização. **Rev. Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2012.

TOSTA, C. G. Vigotski e o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores. **Rev. Perspectivas em Psicologia**, Uberaba-MG, v.16, n.1, p. 57-67, jan./jun., 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.